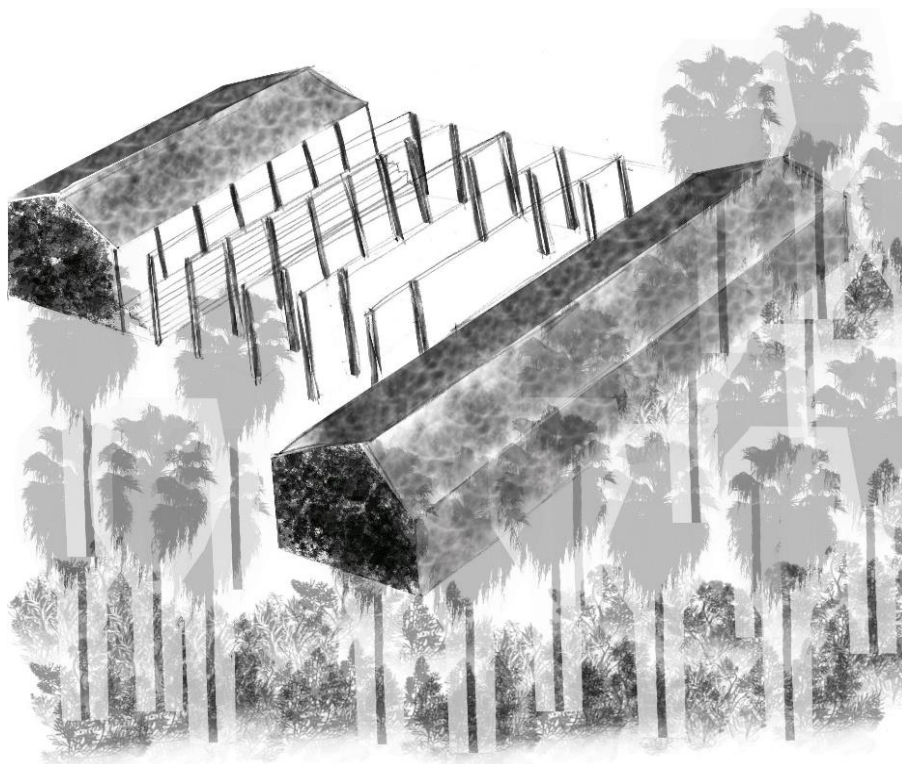


(Re) Colocar Sundy no mapa

O cacau como promotor de desenvolvimento de uma microcidade



Diana Melo Freire Silvestre

(Licenciada)

Projeto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

(Mestrado Integrado em Arquitetura)

Orientação Científica

Professora Doutorada Joana Malheiro

Professor Doutor Paulo Almeida

Júri

Presidente: Professor Doutor José Cabido

Arguente: Professor Doutor António Leite

Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa

Lisboa, Janeiro 2020

(Re) Colocar Sundy no mapa

O cacau como promotor de desenvolvimento de uma microcidade

Diana Melo Freire Silvestre

(Licenciada)

Projeto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

(Mestrado Integrado em Arquitetura)

Orientação Científica

Professora Doutorada Joana Malheiro

Professor Doutor Paulo Almeida

Júri

Presidente: Professor Doutor José Cabido

Arguente: Professor Doutor António Leite

Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa

Lisboa, Janeiro 2020

O presente documento contém 15593 palavras e a sua redação segue o acordo ortográfico de 1990

Título

(Re) Colocar Sundy no mapa

Sub-título

O cacau como motor de desenvolvimento de uma microcidade

Discente

Diana Melo Freire Silvestre

Orientação Científica

Professora doutora Joana Malheiro

Professor Doutor Paulo Almeida

Mestrado Integrado em Arquitetura

Lisboa, FAULisboa, Janeiro, 2020

Resumo

Em São Tomé e Príncipe, as Roças são património, identidade e memória do povo Santomense. Contudo, estas encontram-se, na sua maioria, ao abandono entregues ao esquecimento do tempo. Com este documento, pretende-se propor uma solução para a reabilitação deste património, com vista a dar visibilidade dentro de portas e ao Mundo das potencialidades e possibilidades de desenvolvimento que as roças apresentam.

O desenvolvimento do programa base, que assenta sobre o estudo de factos urbanos, históricos e geográficos, pretende expor uma solução de requalificação do sistema urbano e funcional da Roça Sundry, onde a reutilização do sistema agrário em conjunto com a implementação de um sistema industrial à escala da roça, pretende dinamizar a população residente.

O (re)desenho da roça e a referida intervenção teve como base de reflexão alguns sistemas urbano-rurais, como as *villas*, para identificação de traçado, ou a *casa-museu* como edificado de memória e divulgação de história.

Palavras – Chave

Roça | Cacau | Identidade | Memória | Paisagem

Title

(Re) Position Sundry on the map

Sub-title

Cocoa as a motor of development of a microcity

Student

Diana Melo Freire Silvestre

Cientific orientation

Teacher Doctor Joana Malheiro

Teacher Doctor Paulo Almeida

Integrated master's degree in Architecture

Lisbon, FAULisboa, January 2020

Abstract

In São Tomé and Príncipe, the swiths are the heritage, identity and memory of the santomense people. However, these are mostly the abandonment delivered to the forgetfulness of time. With this document, we intend to propose a solution for the rehabilitation of this heritage, with a view to giving visibility within doors and to the world of potential and development possibilities that swiths present.

The development of the base programme, based on the study of urban, historical and geographic facts, intends to expose a requalification solution for the urban and functional system of the Sundry Roça, where the reuse of the agrarian system in conjunction with the implementation of an industrial system at the scale of the switling, intends to streamline the resident population.

The (re)design of the Swid and the intervention was based on a reflection of some urban-rural systems, such as villas, for tracing, or the House-Museum as an edified memory and dissemination of history.

Keywords

Roça | Cacau | Identidade | Memória | Paisagem

Agradecimentos

Finalizar este Projeto Final de Mestrado traduz-se no início de uma nova fase da vida, a profissional. Gostaria por isso de agradecer a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização deste trabalho.

À Professora Joana Malheiro, orientadora, por todos os conselhos, críticas sempre elas construtivas e positivas para o desenvolvimento do projectual. Pelo profissionalismo, humanismo e apoio demonstrado ao longo de todo o trabalho, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e individual.

Ao Professor Paulo Almeida, coorientador, pela paciência, disponibilidade para escutar os meus momentos mais emocionais assim como, para as ideias e pensamentos que surgiram no decorrer deste processo. O seu conhecimento enquanto arquiteto, é indiscutível e foi essencial para o desenvolvimento de toda a parte construtiva e materialidade de todo o projeto.

Aos meus amigos, em particular, aos que são meus companheiros de curso, José Martins, Inês Laborinho, Guilherme Blasco, pois foi com eles importante o debate de ideias, a construção de pensamento e apoio emocional, que foi sempre dado de forma incondicional.

À Beatriz Carvalho, tenho um agradecimento especial, pois foi quem mais importância teve no desenvolvimento deste projeto final de mestrado, com ela aprendi muito e com ela passei por momentos de fragilidade que foram sempre acolhidos por ela com uma tranquilidade e positividade imensa. É uma profissional incrível e o seu empenho e auxílio é tão denso como as suas convicções.

Por último, mas não menos importante agradeço à minha família, em especial ao meu pai, à minha irmã e ao meu namorado por toda a paciência para os meus momentos de stresse, ansiedade e frustração, sem eles ao meu lado o fim podia não ser este.

Este Projeto Final de Mestrado é dedicado a ti, minha falecida mãe Rosa Silvestre, por todo o teu amor, dedicação e apoio. Pelo teu espírito de luta esta conquista é por ti.

Índice

Introdução.....	1
I Análise do Território.....	8
1.1 Contexto Histórico.....	10
1.2 Morfologia do território.....	20
1.3 Geografia Humana.....	24
1.4 Roça enquanto motor agrário.....	34
1.4.1 Conceito de Roça.....	34
1.4.2 Contexto temporal agrário e Caracterização do cacau...38	
II O Lugar Sundry.....	42
2.1 Sundry e a sua Identidade.....	44
2.2 Evolução da roça no tempo.....	48
2.2.1 Do seu auge de produção ao declínio.....	48
2.2.2 Atualidade e visão futura.....	50

III Projeto.....	54
3.1 Desenvolvimento programático.....	56
3.1.1 Roça enquanto construção auto-suficiente.....	56
3.1.2 Produção de cacau como motor de desenvolvimento.....	58
3.1.3 Intenções de promoção da Sundry.....	62
3.2 O Projeto Urbano.....	64
3.2.1 Objetivos programáticos.....	64
3.2.2 Edificado pré-existente e nova construção Desenho urbano de microcidade; malha estruturante	72
3.3 A Proposta Edificada.....	74
3.3.1 Aliar o novo à pré-existência.....	74
3.3.2 Papel de pequena indústria no contexto local.....	76
3.3.3 Conteúdos programáticos da unidade fabril.....	78
3.3.4 Fábrica de chocolate; papel no desenvolvimento, expansão e divulgação da roça.....	86
IV Considerações Finais.....	88
Bibliografia.....	92
Anexos.....	94

Índice de Figuras

Capa | representação da unidade fabril

Fonte | esboço realizado pela própria

8| Fig. 1| Imagem aérea da Ilha do príncipe

Fonte|<http://www.africa-turismo.com/sao-tome-principe/principe.htm>

11| Fig.2 | Leonel Mário D’Alva, presidente da assembleia nacional de São Tomé e Príncipe 1975-1980, anúncio de independência a 12 de Julho de 1975

Fonte|<http://ensina.rtp.pt/artigo/sao-tome-e-principe-apos-a-independencia/>

11| Fig.3| Manuel Pinto da Costa, primeiro presidente da nova república

Fonte|<https://www.telanon.info/politica/2010/07/12/4763/sao-tome-e-principe-35-anos-independente-3-presidentes-e-mais-de-14-primeiros-ministros/>

17| Fig.4| Estação de carregamento de cacau na linha de caminho de ferro privado na roça Santa Margarida. 1895.

Fonte | Francisco Mantero, "Manual Labour in S. Thomé and Principe", 1910

21| Fig.5| Topografia da ilha do Príncipe

Fonte | https://issuu.com/saotomeprincipe/docs/atlas_stp_2010

28| Fig.6| Dança tradicional “Socopé”

Fonte|<https://www.telanon.info/cultura/2013/07/22/13891/ritmos-do-socope-abriram-a-festa-da-gravana-numa-parceria-entre-o-governo-a-cena-lusofona-e-operadores-privados/>

28| Fig.7| Representação teatral “Tchiloli”

Fonte|<http://stomepatrimonio.blogspot.com/2008/03/tchiloli.html>

37| Fig.8| Imagem aérea da roça Sundy

Fonte| Joana Malheiro, s. d

40| Fig.9| Imagem fava de cacau

Fonte| Jochen Weber

40| Fig.10| Imagem processo de extração e preparação do cacau

Fonte| <https://dumondechocolat.pt/conceito-bean-to-bar/>

42| Fig.11| Imagem da entrada da casa principal

Fonte| Coleção de fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre

45| Fig.12| Localização das roças na Ilha do príncipe

Fonte | https://issuu.com/saotomeprincipe/docs/atlas_stp_2010

45| Fig.13 | Estrutura Roça Paciência

Fonte| As Roças de São Tomé e Príncipe , p.151, 2ª edição, agosto de 2015.

45| Fig.14 | Estrutura Roça Sundy

Fonte| As Roças de São Tomé e Príncipe , p.137, 2ª edição, agosto de 2015

47| Fig.15| Casa principal, Sundy

Fonte| Coleção de fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre

47| Fig.16| Cavalariças, Sundy

Fonte| Coleção de fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre

53| Fig.17| Imagem de protótipos para a “Terra Prometida”

Fonte| Coleção de fotografias de José Martins, Abril de 2019

53| Fig.18| Imagem de protótipo para a “Terra Prometida”

Fonte| Coleção de fotografias de José Martins, Abril de 2019

54| Fig.19| Esquício de procura de materialidade

Fonte| Esquemas realizados pela própria

60| Fig.20| Claudio Corallo a podar uma árvore de cacau

Fonte | Inês Gonçalves s.d.

60| Fig.21| Cacau acabado de torrar e a ser descascado na plantação Nova Moca

Fonte | Inês Gonçalves s.d

60| Fig.22| Planta do cacau

Fonte | Inês Gonçalves s.d.

61| Fig.23| Embalagem do produto final

Fonte | Inês Gonçalves s.d.

66| Fig.24| malha urbana da roça

Fonte | Esquemas realizados pela própria

66| Fig.25| esquema de edificado pré-existente e novo

Fonte | Esquemas realizados pela própria

67| Fig.26| esquemas de espaços verdes

Fonte | Esquemas realizados pela própria

68| Fig.27| Planta da roça Sundy com identificação programática

Fonte | Esquemas realizados pela própria

71| Fig. 28| Tipologias de modelo habitacional novo

Fonte | Esquemas realizados pela própria

73| Fig.29| Plantas da roça Sundy com edificado pré-existente, novo, malha estruturante e edificado de exceção

Fonte | Esquemas realizados pela própria

75| Fig.30| Planta da roça Sundy com edifício do antigo hospital e relação com unidade fabril

Fonte | Esquemas realizados pela própria

75| Fig.31| Alçado da roça Sundy com edifício do antigo hospital e relação com unidade fabril

Fonte| Esquemas realizados pela própria

79| Fig.32,33 e 34| Villa Mairea, Alvar Aalto

Fonte| https://www.archdaily.com.br/br/01-170811/classicos-da-arquitetura-villa-mairea-slash-alvar-aalto/5037e77028ba0d599b00039f-ad-classics-villa-mairea-alvar-aalto-photo?next_project=no

81| Fig. 35,36 e 37| Yunoeki Oyu, Kengo Kuma

Fonte| <https://www.archdaily.com/912742/yunoeki-oyu-kengo-kuma-and-associates/5c801cec284dd1b04f000302-yunoeki-oyu-kengo-kuma-and-associates-photo>

83| Fig.38| Liceu nacional Patrice Lumumba, Eurico Pinto Lopes

Fonte| <https://www.hpip.org/pt/heritage/details/2279>

83| Fig.39| Liceu nacional Patrice Lumumba, Eurico Pinto Lopes

Fonte| <http://telanon.info.com/cultura/2010/10/26/5528/maio-escola.secundaria-do-pais-apetrechada-com-biblioteca-de-nivel-internacional/>

85| Fig. 40 e 41| Planta programática da fábrica de chocolate, estrutura e alçado da unidade

Fonte| Esquemas realizados pela própria

Anexos

94| Fig.42| Análise de evolução demográfica

Fonte| Dados dos Censos de 2001 e2012, fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe

94| Fig.43|Análise da evolução da natalidade e mortalidade segundo dados numéricos

Fonte| Dados dos Censos de 2001 e 2012, fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe

94| Fig.44Tabela da condição perante actividade económica

Fonte| Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe, 2016, p.95

95|Fig.45 | maquete da proposta para a roça sundy | escala 1.1000

Fonte | realizado pela própria

96| Fig.46 | maquete da proposta de equipamento, Fábrica de Chocolate | escala 1.200

Fonte | realizado pela própria

97|Fig.47 | maquete da proposta de habitação nova | escala 1.50

Fonte | realizado pela própria

97|Fig.48 | maquete da proposta de habitação nova | escala 1.50

Fonte | realizado pela própria

99|Fig.49 | painel 1 – o lugar

Fonte | realizado pela própria

100|Fig.50 | painel 2 – proposta urbana

Fonte | realizado pela própria

101|Fig.51 | painel 3 – proposta urbana

Fonte | realizado pela própria

102|Fig.52 | painel 4 – habitação nova escala 1.100

Fonte | realizado pela própria

103|Fig.52 | painel 5 – habitação nova escala 1.100

Fonte | realizado pela própria

104|Fig.52 | painel 6 – habitação nova escalas 1.50

Fonte | realizado pela própria

105|Fig.52 | painel 7 – habitação nova escalas 1.20; 1.10; 1.5

Fonte | realizado pela própria

106|Fig.52 | painel 8 – fábrica de chocolate escala 1.200

Fonte | realizado pela própria

107|Fig.52 | painel 9 – fábrica de chocolate escala 1.200

Fonte | realizado pela própria

108|Fig.52 | painel 10 – fábrica de chocolate- axonometria

Fonte | realizado pela própria

Introdução

“Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória. Memória que é a de um espaço e de um tempo, memória no interior da qual vivemos, como uma ilha entre dois mares: um que dizemos passado, outro que dizemos futuro.”¹

SARAMAGO, José

O tema (Re) Colocar Sundy no mapa, surge de uma intenção de estudar, desenvolver e promover uma roça, um povo e uma ilha cujas dimensões físicas não definem as dimensões históricas, culturais e sociais.

Em visita à ilha do Príncipe e por conseguinte à roça Sundy foram identificadas potencialidades e fragilidades alvo de estudo in loco e posterior análise, onde ficou evidente a importância estratégica que a empresa HBD² tem na roça e no país, a proximidade com o governo local permitiu por um lado a dinamização da ilha do Príncipe ao nível do turismo, contudo ao nível social e economia local existem algumas dúvidas, no meu ponto de vista. Destas dúvidas surge através do contacto com a população local, algumas evidências que levam a um motivo de intenção de mudança de rumo em relação à atual situação económica e social.

¹ SARAMAGO, José, primeiro texto de *Cadernos de Saramago*, <https://caderno.josesaramago.org/137907.html>, consultado em 20/11/2019

² HBD - Here Be Dragons, multinacional tecnológica administrada por Buster Howes e cujo dono é o sul-africano Mark Shuttleworth

Compreendendo o passado das roças em São Tomé e Príncipe, ligadas à exploração de cacau e café como produtos principais de exportação, tendo sido uma das potências mundiais de exploração destes produtos sob controlo português. Na roça Sundry visualizámos o presente destas roças, na sua maioria, onde as problemáticas identificadas foram a deslocação da população para os centros urbanos que teve consequência direta sobre o abandono das culturas locais assim como a degradação das infraestruturas aqui existentes e edificado que adquiriu outros usos ao longo do tempo e da necessidade ligados à habitação sem condições de saneamento básico. Na Sundry existe uma situação curiosa que agrega esta visão deficitária das condições da população local com a existência de uma unidade hoteleira do grupo HBD, onde o luxo ou o saneamento básico são questões essenciais. Aqui também à data da nossa visita à roça foi-nos explicado que à semelhança do que já fora concretizado noutras roças, estava em curso um plano de expulsão da população residente na roça para fora desta, para a “Terra Prometida” área situada a 4kms de distância daquela realidade da roça, com a finalidade de ali se desenvolver toda uma reabilitação da roça para a expansão da unidade hoteleira pertencente a este grupo empresarial. Ora existe aqui uma intenção de exploração de uma área economicamente rentável para uso turístico exclusivo, afastando a população da sua história, da sua base social com a ideia vendida, de que se mudariam para um local com melhores condições de saneamento e habitabilidade, onde espaços sociais, comerciais e de cultivo estariam contemplados.

Por estar em desacordo total com este projeto vejo no cacau, produto outrora potência económica de um país, uma possibilidade de levantar a história da roça, reerguer uma estrutura funcional agrária como fonte de empregabilidade atrativa à população local, oferecendo a possibilidade de melhoria das condições de vida, habitabilidade e saneamento. A (re) introdução deste produto na roça, possibilitar a sua exploração e transformação é uma proposta que visa contrariar esta intenção de desalojamento da população criando emprego, melhoria económica e com isso tornar as melhorias de condições de vida viáveis. Com o cacau a roça Sundy, pode (re) erguer-se como estrutura agrária viável, sustentável e atrativa a população externa. A expansão da roça é um caminho com base na evolução de desenvolvimento que esta vier a concretizar.

Com base na leitura do lugar, interpretação da história da roça, conhecimento da relação social e agrária aqui presentes na atualidade, é possível estabelecer-se objetivos para uma intervenção com vista a respeitar o que é, sem nunca esquecer o que foi através de uma reinterpretação de toda a estrutura agrária. Estrutura-se então um programa em que ocorre:

- o Inclusão da unidade hoteleira como fonte de rendimento e dinamismo económico e turístico
- o Fazer coexistir o edificado pré-existente com edificado e funções novas num ambiente densamente vegetal
- o Aliar a construção humana à construção vegetal, onde a vegetação deverá ganhar destaque através dos espaços sociais
- o Reinventar a estrutura agrária de outrora por forma a ser passível de aplicação na realidade atual da roça e do país, onde os métodos de exploração do cacau são aliados à evolução tecnológica
- o O desenvolvimento de estruturas de apoio ao desenvolvimento social como a escola primária ou o centro de formação especializado como fonte de mão-de-obra qualificada.

Para a constituição e desenvolvimento do presente trabalho estabelece-se uma base teórico-reflexiva, onde são analisados e estudados conceitos bibliográficos, documentos institucionais, bases cartográficas e projetos referência fundamentados na localização geográfica a tratar, numa abordagem inicial teórica. Seguindo-se para uma vertente mais analítica onde serão analisados parâmetros sociais, culturais, económicos, demográficos e ecológicos como ponto de partida para uma análise mais conceptual sobre as roças e a sua dinâmica com a cidade, onde o passado é visto do ponto de vista do impacto económico ao nível do país, da tipologia de organização construtiva e estrutural do espaço urbano em função da hierarquia à data necessárias, a relação entre as construções e a biodiversidade local em que se procura entender a relação que a população tem com o ambiente e a biodiversidade, que tipo de práticas preventivas são aplicadas para preservação de património vegetal e animal relevante e a influência do passado no presente do povo santomense sobre a sua cultura, memória, gastronomia e religião. Para se proceder a esta investigação utiliza-se como método a recolha de dados estatísticos, documentos históricos e governamentais, também para compreender o lugar são analisados elementos cartográficos e topográficos e como método de entender de forma mais clara alguns destes elementos mais históricos e culturais os livros são a base desta investigação.

Como forma de convergir as análises teóricas e a informação recolhida com a realidade praticada, torna-se imperativo o método de observação direta, deslocação *in loco*, onde em conversas e entrevistas à população residente e a técnicos especialistas presentes no local torna-se perceptível a veracidade das informações recolhidas à data e a viabilidade do projeto ao momento pensado e desenvolvido, existe assim após esta interação física a necessidade de interligar a teoria com a proposta projectual tendo por base a recolha *in loco* realizada.

A análise das potencialidades e fragilidades do local é realizada numa abordagem SWOT, sendo que *é in loco*, que temos a oportunidade de ajustar este estudo conforme a realidade encontrada, reforçando a viabilidade projectual ou identificando incompatibilidades à situação local.

Este processo de análise e interpretação social, histórica, económica permitiu viabilizar conceitos introduzidos neste projeto e estruturar um programa com base nas necessidades efetivas do lugar e da população. Elementos que se encontram desenvolvidos e organizados em três temáticas:

- Em *Análise do território* - é estudado o contexto histórico, morfológico, social, cultural e económico, por forma a melhor entender todo o percurso da população e do lugar até então, identificando a viabilidade de uma proposta assente sobre uma estrutura agrária tão vinculada socialmente e economicamente num povo atualmente sem rumo ou organização de rentabilidade e sustentabilidade económica
- Em *O lugar* - onde se aborda, de forma mais aproximada, o local a intervir, a roça Sundry, sob o contexto da sua identidade e evolução ao nível do desenvolvimento de projetos e impacto social cronologicamente ocorrido e a ocorrer.
- Em *Projeto* - procura-se expor o desenvolvimento programático que decorreu de todo o estudo até aqui concretizado nos campos da autossuficiência, promoção de desenvolvimento local e promoção de uma estrutura. Também os objetivos com este programa são identificados, a relação com a envolvência vegetal e pré-existências tem influência na malha estrutural de microcidade. E ainda, a identificação das potencialidades que a inserção de uma unidade fabril no setor agrário traria à roça assim como a projeção que esta teria através da exploração deste produto tão relevante para a história deste país como o cacau.

“(...) o equilíbrio que existe, no Príncipe, entre a conservação e o desenvolvimento, sobretudo a convivência entre o homem e a natureza. Portanto, quer dizer que a grande parte da natureza autóctone ainda existe na ilha.” CASSANDRA, José. (2012) ³

Torna-se foco de atenção particular e subsequente estudo a relação que a população estabelece com a vegetação em redor, a proximidade e respeito pela fauna e flora destas ilhas por parte dos habitantes é algo que contrasta com a desflorestação que desenvolvem para fins de construção civil, por se tornar economicamente mais viável dadas as possibilidades da população e ainda da frequência que procedem à sua substituição devido a fatores meteorológicos. A possibilidade de articulação entre a construção humana e a construção natural, deve ser bem entendida antes de construída, por forma a que com materiais mais resistentes seja possível manter a mesma proximidade e relação que a madeira estabelece com a envolvente arbórea.

Como base de análise desta temática deve-se começar por perceber como tornar possível a articulação destas duas formas de construção através do território, ou seja, da sua topografia, densidade vegetal e processos que foram sendo aplicados como forma de preservar e rentabilizar em simultâneo a plantação arbórea no local. Seguidamente, devemos proceder ao entendimento das características da relação do homem ao meio envolvente e perceber de que forma pode o tipo de construção e materialidade constituir uma barreira, ou apenas uma delimitação territorial como forma de proteção. Por outro lado, deve-se procurar uma resposta para o sucesso da fusão destes dois meios que interagem entre si em perfeita harmonia num lugar com recursos limitados.

³ CASSANDRA, José, <http://www.dw.com/pt-002/ilha-do-pr%C3%ADncipe-%C3%A9-reserva-da-biosfera-mundial/a-16094358>. 12 de Julho -Presidente do Governo Regional do Príncipe fala à imprensa do orgulho que sente perante a aprovação da candidatura da ilha do Príncipe a Reserva da Biosfera da UNESCO

Podemos aqui levantar a questão, se devido à cultura de um povo esta relação entre o edificado e o meio vegetal pode levar a diferentes resultados e consequências na paisagem e ambiente social.

Daqui surgem outros pontos de análise como sendo a densidade vegetal um foco de isolamento de populações ou por questões estrategicamente estabelecidas ao nível governamental, existe uma intenção se segregar classes ou quadros sociais específicos. Este isolamento forçado ou instruído pode ser a base de um limite ao desenvolvimento e evolução de um povo, ou a alavanca para uma base de autossuficiência e progressão ao nível local levando à criação de pequenos centros. A identidade do lugar estará ligada à memória de uma estrutura ou à reinterpretação do património como preservação e evolução de uma população.

I | Análise do Território



Fig. 1 | Imagem aérea da Ilha do príncipe

“A História é testemunha do passado, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, anunciadora dos tempos antigos” CÍCERO

O estudo deste tema mostra-se necessário como meio de compreensão do local a intervir, o papel desta análise pretende levar a um melhor entendimento da história do país e de todo o processo de desenvolvimento na escala temporal da população santomense. É por isso, a base de entendimento do percurso evolutivo que a ilha do Príncipe sofreu, assim como a motivação da presença de alguns intervenientes no decurso da história do país. Neste tema é feita, de forma breve, uma contextualização histórica, uma demonstração morfológica do território e apresentação de alguns dados culturais, sociais e demográficos como meio de evidenciar qual a influência da história na atualidade local.

1.1 | Contexto Histórico

Neste projeto final de mestrado, é necessário apresentar primeiramente o papel que a história do país tem no cotidiano atual. Está por isso, aqui presente a intenção de perceber a relação entre a cidade e as roças como meio de explorar os seus benefícios a par do desenvolvimento das roças. Estas por se tratarem de construções que se interrelacionam entre si e que geram por si uma dinâmica particular e funcional, é de realçar a sua constituição e evolução e tentar demonstrar a viabilidade deste sistema atualmente, como meio de preservação de identidade e de desenvolvimento do território tendo por base o passado agrário aqui implementado.

Tendo havido a possibilidade de ter uma experiência *in locu*, algumas das ideias levadas até lá foram debatidas e questionadas entre nós e os locais, levando também o momento a transportar-nos para outra dimensão passada, onde a história que o lugar nos contou nos transmitiu as vivências de uma outra época e onde fomos colocados no contexto dos habitantes locais, nas suas vivências, nas suas crenças e nos seus problemas, ligando-nos ao lugar de uma forma particular de modo, a ser mais clara a visão que se propôs e quais as necessidades de reflexão sobre a mesma viriam a ser imprescindíveis.

Neste âmbito pretende-se reconstruir uma ligação física, outrora existente, entre a cidade e as roças, trazendo à memória, a história do lugar a um presente próximo, aliada à reabilitação de todo um sistema estrutural e programático ao nível das roças que promova a reconstrução de uma ligação cultural à cidade. É, portanto, proposto a reconstrução de elementos de conexão e aproximação entre cidade e roças dando início a este processo a partir das roças. Através da criação de meios e estruturas passíveis de intervenção social, cultural e económica são criadas condições que viabilizam a sua expansão, desenvolvimento e atratividade, oferecendo assim, a capacidade de captar investimento e atenção de órgãos estatais e investidores externos, capazes de dinamizar a diversas escalas o território santomense.



Fig.2 | Leonel Mário D'Alva, presidente da assembleia nacional de São Tomé e Príncipe 1975-1980, anúncio de independência a 12 de Julho de 1975



Fig.3| Manuel Pinto da Costa, primeiro presidente da nova república

A história deste país começa por se escrever a 21 de Dezembro de 1470, quando João de Santarém e Pedro Escobar descobrem a ilha de São Tomé e em seguida a 17 de Janeiro de 1471 descobrem a ilha do Príncipe. Após esta descoberta por parte dos navegadores portugueses, em 1482, o arquipélago ganha relevância geoestratégica com a construção do forte de São Jorge da Mina. A 1486 dá-se início a uma primeira tentativa de colonização das ilhas, cujos objetivos eram o estabelecimento de uma colónia de povoamento europeia, a produção de açúcar, a instalação de um entreposto para a navegação marítima para a Ásia, a difusão do cristianismo na região e ainda servir de apoio de retaguarda de São Jorge da Mina. O sistema administrativo a implementar em São Tomé consistiu na nomeação de um capitão donatário que teria amplos poderes jurídicos e financeiros. Esta tentativa de colonização falha devido a questões de insalubridade do clima e escassez de alimentos.

Em 1493, Álvaro Caminha, terceiro donatário de São Tomé (1493-1499), alcança com sucesso o povoamento da ilha. Fundou uma povoação no nordeste da ilha, atualmente a baía de Ana Chaves, que era formada por colonos brancos alguns deles como voluntários, mas a maioria eram marginais e crianças judias cuja origem era Espanha e que de lá fugiram em 1492. Também embarcou uma comitiva de padres católicos com a finalidade de doutrinar aqueles que iam e os que já lá estavam. A deportação de marginais tornou-se mais frequente devido ao baixo número de voluntários devido à insalubridade do clima e à distância entre São Tomé e Portugal.

O povoamento de Príncipe teve início pouco depois de 1500, ano em que a ilha foi entregue ao donatário António Carneiro(1500-1545), tendo sido mantida a capitania entre os seus herdeiros até 1753, data em que foi entregue à coroa e que Santo António foi elevado a cidade e capital do arquipélago, uma vez que a localização da ilha apresentava condições mais salubres e favorável ao tráfico de escravos na região.

São Tomé já teria passado para a coroa em 1522, data em que o quinto donatário foi condenado por corrupção e o governador foi escolhido por Lisboa.

É já em 1852, que após o término do tráfico de escravos e se dá o início do restabelecimento da economia de plantação que São Tomé volta a ser capital, neste período resultaram algumas mudanças no que respeita à hierarquia social e política no arquipélago que levaram a uma recolonização das ilhas.

Em 1875 é aprovada uma lei que visava a abolição da escravatura no império colonial para o ano seguinte, contudo quando os escravos recebem a notícia seguem para a cidade manifestar-se pela abolição imediata algo que, o governador de então Gregório Ribeiro (1873-1876), acabou por conceder abolindo de modo imediato a escravatura. Com esta lei, muitos escravos não regressaram mais às plantações onde laboravam, algo que foi levando a uma crise de mão-de-obra, somente corrigida com a integração de trabalhadores contratados por portugueses. Neste ano foi também criada a Curadoria Geral dos Indígenas com a finalidade de contratar mão-de-obra africana, inicialmente recrutavam trabalhadores vindos do Gabão, de Adra, na Costa do Ouro e na Libéria, sendo que a partir de 1879 somente de Angola, em 1903 iniciam a recruta em Cabo Verde e em 1908 em Moçambique.

Durante a primeira república (1910-1926) , houve espaço para a vertente política que os forros instruídos aproveitaram para organizar associações de defesa pelos seus interesses políticos, fundaram jornais para promover a emancipação dos negros e a igualdade racial. Após o golpe militar ocorrido a 1926, o associativismo e os jornais foram proibidos pelo regime colonial.

Com o Estado Novo, a partir de 1933, o colonialismo português em São Tomé tornou-se mais duro, levando os forros para a marginalidade social e económica.

No ano de 1930, existe a tentativa de criar um imposto individual indígena por parte da posição intermédia dos forros como um aviso à hierarquização social no arquipélago, algo que veio a falhar por resistência dos locais. A política colonial de marginalização dos forros continuou até 1960, altura em que Portugal reorientou a sua política devido ao início da guerra de libertação de Angola e da pressão exercida pela comunidade internacional para o avanço da descolonização.

Segundo a legislação discriminatória do Estatuto do Indigenato, em vigor de 1926 a 1961, os serviçais angolanos e moçambicanos eram considerados indígenas, já os crioulos de Cabo Verde e de São Tomé e Príncipe nunca foram considerados indígenas, contudo não era explícita a sua exclusão tendo Portugal atribuído a plena cidadania aos cabo-verdianos em 1947. Em 1953, perante a falta de mão-de-obra, o regime colonial ponderou aplicar o estatuto dos indígenas aos nativos das ilhas como meio de os forçar a trabalhar nas roças. A fevereiro desse ano, os forros produzem uma manifestação espontânea pela defesa do seu estatuto intermédio e recusa do estatuto de indígena, algo que é repreendido com grande violência pelo governador de então Carlos Gorgulho (1945-1953), levando à morte de centenas de inocentes durante um mês. O governador teve como alvo principal a elite forra na administração colonial, comunidade com quem manteve boas relações durante o seu primeiro mandato. Contudo, o forro começou a contestar as medidas arbitrárias do governador o que levou a um aumento exponencial da tensão entre as categorias no arquipélago que culminou no apoio maioritário de portugueses às medidas tomadas pelo governador, tendo muitos participado nas atrocidades cometidas contra os forros. Seguindo ordens do governador, os administradores das roças incitaram os serviçais a participar na onda de violência gerada contra os forros, conflito que ficou denominado por Guerra de Batepá.

É a junho de 1953 que é concedida a plena cidadania aos são-tomenses por parte de Portugal, algo que não eliminou a tensão criada com o conflito entre colonos brancos e forros. Como consequência disso, é criado em 1960, a primeira organização política por um pequeno grupo de nacionalistas forros que, a partir do exílio, defendeu a independência de São Tomé e Príncipe. Sem grande atividade política esta organização ressurgiu em Malabo, em 1972, como Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP), movimento que veio a ser reconhecido por Portugal, como único representante legítimo do povo são-tomense aquando do processo de descolonização em 1974.

“Na qualidade de presidente da assembleia proclamo a independência do estado de São Tomé e Príncipe”⁴

A 12 de Julho de 1975, Manuel Pinto da Costa assume a presidência do país, enquanto Miguel Trovoada assume a chefia do governo. Nesse ano o Estado Independente concedeu constitucionalmente a plena cidadania a todos os residentes do arquipélago, levando ao desaparecimento oficial da segregação e discriminação presentes até então.

Em Outubro de 1979 Miguel Trovoada é detido por um período de 2 anos, tendo por consequência sido expulso do partido. São enviados mais de 3000 soldados angolanos para o país, onde o MPLA mantém Manuel Pinto da Costa no poder e persegue os seus opositores e predece-
ssores. Nessa altura são anunciadas medidas destinadas a atrair investimento externo, são privatizadas empresas estatais e distribuem-se parcelas de terra.

⁴ CHAVIER, Nuno, primeiro presidente da assembleia nacional de São Tomé e Príncipe, gravação vídeo-áudio de RTP. 12 de Julho de 1975 -Proclamação da criação do estado de São Tomé e Príncipe

Perante a instabilidade vivida a 8 de Março de 1988 ocorre uma tentativa falhada de golpe de estado, que vem um ano mais tarde, resultar no facto de São Tomé e Príncipe se tornar no primeiro país africano a abolir o regime de partido único e a dívida externa ascende a 198 milhões de dólares. Em 1990, é elaborada uma nova constituição que garante o multipartidarismo, o respeito pelos direitos humanos, a abolição da pena de morte e a instituição de um sistema de governo semipresidencialista. 1991 é o ano em que se realizam as primeiras eleições livres para a assembleia nacional e para a presidência da república, onde Miguel Trovoada ressurgiu após 10 anos de exílio e saiu vencedor das primeiras eleições presidenciais por sufrágio direto e universal. Durante o decorrer de 1992 e 1994 surgem três governos e a instabilidade política volta a promover uma nova tentativa de golpe de estado levado a cabo por um grupo de oficiais das forças armadas, tendo Angola de intervir novamente com homens. Em 1999, ano em que foi assinado o acordo com a Nigéria para a regulamentação da exploração de petróleo na zona conjunta, ocorreu uma outra tentativa de golpe de estado levada a cabo mais uma vez por militares.



Fig.4| Estação de carregamento de cacau na linha de caminho de ferro privado na roça Santa Margarida. 1895.

Tendo a ilha de São Tomé sido palco de diversos ensaios agrários entre a data da sua descoberta e o século XVI, o surgimento da cana de açúcar ocorre através dos madeirenses que levaram o seu conhecimento e experiência no fabrico de açúcar assim como de ocupação de terras virgens, fator preponderante no sucesso de produção de açúcar na ilha.

Contudo, apesar da expansão e sucesso da produção açúcar feita a partir da cana de açúcar, esta apenas contribuiu para o desenvolvimento demográfico de São Tomé e Príncipe, pois a sua qualidade não conseguia competir com a qualidade da produção alçada na Baía. Este fator originou uma crise económica nos finais do século XVI que acompanhada de outros fatores de instabilidade levaram a que os investidores à época transferissem os seus investimentos e conhecimento para o Brasil.

Após um período de adversidade, em que o êxodo para o Brasil levou a um decréscimo acentuado demográfico em São Tomé e Príncipe, é no início do século XIX que o país ganha novo fôlego económico com a introdução de um novo ciclo marcado pelo café e o cacau. Estes novos produtos trouxeram até aos anos setenta uma prosperidade a São Tomé e Príncipe ao nível social e económico que se tornaram atraentes para investidores externos que, por sua vez, procederam à importação de escravos, algo que após a abolição da escravatura, se transformou num recrutamento em grande escala de mão de obra pelo continente africano.

Este ciclo trouxe novamente diversidade cultural devido à variedade de proveniências que ali chegaram, assim como levou à introdução de novos elementos físicos e espécies naturais que culminaram numa biodiversidade própria e distinta de outros pontos do globo.

1.2 | Morfologia do território

O território da República Democrática de São Tomé e Príncipe é insular, sendo constituído pela ilha de São Tomé (857km²), a ilha de Príncipe (114km²) e diversos ilhéus (Rolas, Cabras, Santana, Pedras Tinhosas, Sete Pedras, Pedra da Galé, Bombom, Carço e Mosteiros) que perfazem uma área de superfície total de 971 km², estando este território a cerca de 300km da costa do Gabão.

As ilhas de São Tomé e Príncipe fazem parte de um alinhamento vulcânico, que se inicia no sul do Lado Chade e vai até ao Golfo da Guiné ao longo de 2000km.

O conjunto insular apresenta relevo bastante diverso e montanhoso sendo que esta diversidade se pode identificar na ilha de São Tomé, segundo quatro formas distintas: *As serranias – ou seja, “conjunto importante de alinhamentos de relevos altos que têm predominantemente as direções N-S e NW-SE.”*⁵, sendo que estas vão confluir no ponto mais elevado da ilha o Pico que apresenta 2024m de altitude. *Os Morros-* que se tratam de cones vulcânicos, alguns coroados com crateras e que se encontram bem conservados e com localização circundante às serranias, sendo identificados pelo nordeste, sul e centro da ilha ganham destaque o Morro Muniqui com 273m e a Lagoa Amélia com 1492m de altitude. Os *“Pães-de-açúcar” e “Torres-de-Penedo”* – fala-se de formas relacionadas com as condições climáticas quentes e húmidas da região e com a natureza da rocha presente na zona. Sendo os mais abundantes os “pães-de-açúcar”, no nordeste pelas condições de aridez não se manifestam com abundância, contudo é no sul e centro que predominam tendo como mais relevantes Maria Fernandes com 861m e S. João com 351m.

⁵ ROMANA, Heitor; São Tomé e Príncipe - Elementos para uma análise antropológica das suas vulnerabilidades e potencialidades. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.1996, p.91

As “torres-de-penedo” mais relevantes são Cão Grande (663m) e Cão Pequeno (390m). Por último existem as *Praias levantadas e terraços* – identificam movimentos do nível de base da ilha e podem ser observadas na zona norte e nordeste da ilha.

Na ilha do Príncipe esta divisão ocorre sob duas vertentes: o sul de relevo acentuado e de difícil acesso, onde o conjunto montanhoso se identifica complexo e no seu centro se mostra o pico do Príncipe(984m) e o norte onde uma plataforma constante é envolvida por relevos pontuais e menos imponentes. Ao nível climatológico o território de São Tomé e Príncipe beneficia de características comuns às ilhas de Ano Bom e Fernando Pó por se localizarem todas no acentuado vale depressionário do Equador.

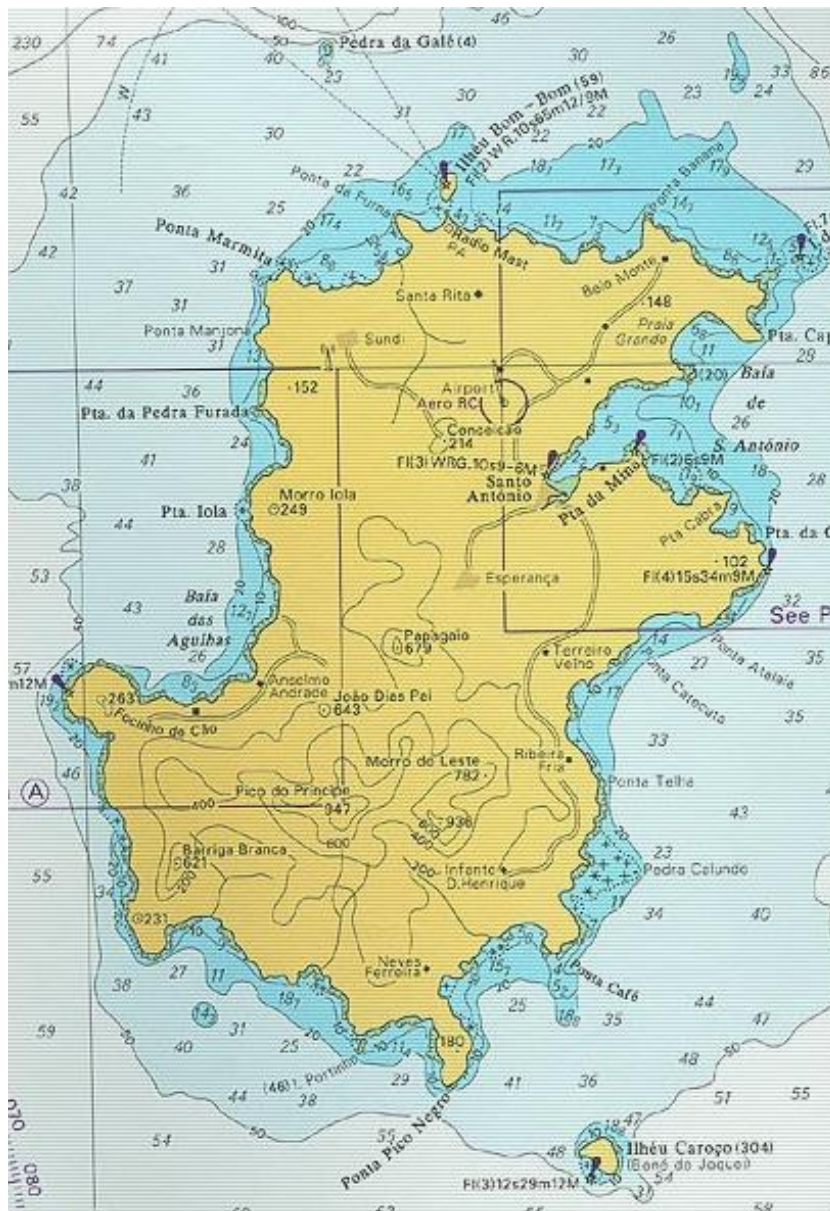


Fig.5| Topografia da ilha do Príncipe

Em São Tomé contudo, é possível distinguir dois períodos climatéricos: o das chuvas marcado por forte intensidade pluviométrica e temperaturas elevadas durante Outubro e Maio; o da *gravana*⁶, que é marcado por um período de maior estabilidade de massas de ar, níveis de humidade mais elevados que originam a chuva miúda mais predominante na zona sul da ilha pela barreira orográfica que aí se regista ocorrendo entre Junho e Setembro.

Já no Príncipe o clima é tipicamente equatorial, com níveis de temperatura média sempre elevados ao longo do ano e sem grandes oscilações acompanhados de níveis elevados de pluviosidade constante anualmente.

No território de São Tomé e Príncipe não foi a qualidade da terra que levou ao estabelecimento da população ou ao desenvolvimento agrário na região, mas sim a facilidade de trabalhar o solo pela sua linha plana, como se identifica na zona nordeste de São Tomé e noroeste no Príncipe, algo que se veio a traduzir nas áreas mais degradadas onde a qualidade do solo é fraca e densamente populosa.

Na zona Nordeste de São Tomé foi onde foram colocados os primeiros engenhos da cana de açúcar, algo que originou a uma densa desarborização a fim de se adquirir terrenos limpos para a expansão da produção. Com o abandono deste ciclo do açúcar verificou-se nesta zona uma nova paisagem mais pobre ao nível arbóreo, onde cresce o capim na época das chuvas e onde a imagem desértica se mostra durante a gravana. Nesta zona o café e o cacau não triunfam, sendo por isso uma zona de alguma criação de gado e de plantação de coqueiros, palmeiras-do-azeite e árvores de fruto como jaca, manga, cajamanga, papaia, fruta-pão, bananas.

⁶ A gravana, segundo Francisco Tenreiro, corresponde à estação do ano que no século XVI se dizia dos “ventos”, ou seja, época fresca. - **ROMANA, Heitor**; São Tomé e Príncipe - Elementos para uma análise antropológica das suas vulnerabilidades e potencialidades. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.1996, p.92

A produção agrícola ocorre maioritariamente nas áreas das roças onde o cacauero começa a partir dos 600m, o cafezeiro inicia-se e ganha predominância a partir dos 800m, podendo prosperar até aos 1000m. À medida que a altitude aumenta as plantações diminuem passando a uma densa floresta. Nas florestas de baixa e média altitudes entre os 0 e 800metros floresta densa e húmida de terras baixas, de 800 a 1400metros floresta densa e húmida de submontanha-floresta de transição. Nas florestas de montanha (1400 a 2024 metros) floresta densa e húmida de montanha e nas formações ericóides de montanha (1850 a 1900metros) encontra-se pequenos tufo de ericácias. Na ilha do Príncipe esta vegetação é de uma grande diversidade, onde na zona litoral pela sua facilidade de acesso a mata natural foi sendo substituída por plantações e nalgumas terras antes derrubadas para plantação, hoje encontram-se abandonadas pelo homem.

1.3 | Geografia Humana

Segundo dados obtidos a partir do III recenseamento geral da população e da habitação de 2001 e do IV recenseamento geral da população e da habitação de 2012 é possível demonstrar a evolução no crescimento da população residente em São Tomé e Príncipe, na medida em que esta se situa nos 178 739 indivíduos representando um aumento de 41 140 efetivos em comparação com dados de 2001, como se pode analisar através da leitura do quadro comparativo da população por sexo e ano.(fig.42)

Quanto a dados de natalidade e mortalidade, segundo dados de 2017 as taxas brutas respetivamente, eram de 26,3% e 6,1% demonstrando uma evolução positiva em relação a dados de 2001, onde a taxa bruta de natalidade se situava nos 35,6% e a taxa bruta de mortalidade nos 8,5%. Estes dados demonstram primeiramente que têm vindo a ser aplicadas medidas de controlo à natalidade e que apesar disso a população por ser maioritariamente jovem contribui, a par do aumento da esperança média de vida para a diminuição desta taxa. Estas taxas são traduzidas em dados numéricos de vidas humanas que o gráfico seguinte traduz e compara. (fig.43)

Quanto à taxa de mortalidade infantil, em 2017, esta situava-se nos 34% e a taxa de mortalidade infanto juvenil nos 41% dados em 2001 eram respetivamente de 54% e 72%, denotando uma evidente melhoria no setor de cuidados de saúde infantis e infanto juvenis. Apesar deste evidente decréscimo destes valores a razão para estes números assenta ainda na sua maioria, nas questões de poucas condições de higiene e salubridade e embora já mais controlado, ainda é uma população fortemente exposta a epidemias.

Como forma de fazer face a esta taxa de mortalidade infantil a fecundidade é ainda uma solução com dados significantes encontrando-se o índice sintético de fecundidade em 2017 nos 3% sendo que em 2001 estava nos 5% denotando alguma aceitação quanto à introdução de práticas de planeamento familiar por parte da população.

No que respeita à esperança média de vida esta em 2017 era de 67 anos aumentando assim em comparação a 2001 em três anos.

O setor da saúde em São Tomé e Príncipe é um setor frágil ao nível medico-sanitário, na medida em que, está sujeito a fatores sócio económicos, culturais e da própria natureza geográfica do país.

A deficiente assistência através de meios técnicos e de instalações, assim como de pessoal especializado (médicos e paramédicos), impossibilitam a concretização de políticas de saúde pública.

Também a relação que a população demonstra ter a certos valores e à medicina tradicional, dificultam o sucesso de campanhas de sensibilização nas vertentes de cuidados primários, nomeadamente no combate e prevenção de doenças endémicas. A situação higiénica e sanitária do país leva a cenários cíclicos de epidemias e de surgimento de doenças com origem nas deficiências ao nível de salubridade e cuidados alimentares com o paludismo, diarreias agudas, parasitose intestinal, anemia, bronquite asmática ou pneumonia.

Numa breve abordagem, há que fazer notar que, tal como noutros países do continente africano os dados da educação em São Tomé e Príncipe revelam fragilidades ao nível político e sócio económico do país. Segundo dados de 2012, cerca de 20 166 indivíduos com mais de 5 anos, ainda não sabem nem ler nem escrever, ou seja, cerca de 13,3% do total de homens e mulheres

O português é a língua oficial de São Tomé e Príncipe, sendo que é falada por 170 223 indivíduos, segundo dados estatísticos de 2012, num total de 173 015 indivíduos com idade superior a um ano. O forro é falado por 62 707 indivíduos, sendo que o angolano é língua utilizada por 11 377, já o Lungue é usado apenas por 1753 pessoas. Já o cabo verdiano é utilizado por 14 654 pessoas, já o francês é língua de 11 697 indivíduos sendo o inglês o dialeto usado por 8 556 pessoas.

Sendo o povo santomense na sua maioria católico com 99 570 fiéis, o país devido à sua história de importante ponto de passagem de diversas culturas, essa diversidade é evidente na religião onde existe algumas igrejas com expressão, sendo cerca de 7 239 pessoas seguem a igreja adventista, 5 991 optam pela Assembleia de Deus, a igreja Nova Apostólica é a opção de 5 177 fiéis e a igreja Universal do Reino de Deus segundo dados estatísticos de 2012 tem cerca de 3 568 fiéis. Também resultado deste contacto com outros povos e culturas existe uma relação entre o cristianismo, o paganismo e o feiticismo.

O folclore são-tomense apresenta três componentes sendo estas a dança, a música e o teatro. A dança denominada por “Ussua” data do primeiro período de colonização, algo que leva a que atualmente se trata de uma dança só praticada pelos mais velhos, distinguindo-se das restantes pela relação próxima com as danças de salão. A origem da dança denominada de “Socopé”, mais corretamente designada de “só com o pé”, é desconhecida, contudo é das mais populares de entre a população são-tomense das áreas mais interiores, seguindo um conjunto de rituais que são orientados por um “chefe”. A “dança congo” é a única dança localmente característica, que embora como o nome indica não tenha sido originária da ilha, foi adaptada por trabalhadores vindos do Congo e que se traduz numa representação popular o sarcasmo português e o sentido crítico africano.

O “Tchiloli” une a declaração de textos à farsa e dança, como se encontra na representação teatral popular europeia, onde a indumentária é ligada à fantasia negra já o acompanhamento musical, dança e a pantomina são de ligação africana. Neste tipo de representação a marcação ou as entradas são introduzidas através de acompanhamento musical, cujo ritmo prolonga a apresentação por tempo indeterminado.

Fig.6| Dança
tradicional “Socopé”



Fig.7| Representação
teatral “Tchiloli”



Segundo dados de *São Tomé e Príncipe - Elementos para uma análise antropológica das suas vulnerabilidades e potencialidades*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, São Tomé e Príncipe apresenta uma economia assente sobretudo, no setor primário e terciário onde a agricultura, silvicultura, pecuária, comércio, administração pública, educação e saúde são os setores a destacar como relevantes fontes de empregabilidade no país.

Abordando o setor primário primeiramente devemos referir que devido à história de povoamento das ilhas e à intenção funcional atribuída a São Tomé e Príncipe de ser um produtor de matérias primas tropicais, levaram a que a estrutura produtiva do país fosse pouco diversificada, assente essencialmente sobre a monocultura do cacau e conjugada com outras culturas como o óleo de palma e o café. A laboração neste setor caracteriza-se por uma elevada taxa de mão-de-obra assalariada.

A promoção do desenvolvimento da economia rural e criação de uma classe de agricultores tem sido dificultada ao longo do tempo por diversos motivos a começar pela nacionalização e privatização da agricultura.

Aquando da independência, uma grande parte das terras pertencia a 29 empresas portuguesas. Em setembro de 1985, o governo ordenou a nacionalização de propriedades com 200 ou mais hectares, que levou a um agrupamento de propriedades agrícolas em 15 empresas estatais com áreas de 1500 e 6000 hectares, ficando cerca de 80% da terra arável sob alçada do estado. Ainda nesse ano, o governo iniciou um processo de privatização parcial da propriedade, onde convidou empresas estrangeiras a assinar contratos de gestão de 15 a 20 anos.

Em 1990 a agricultura correspondia a 23% do PIB, a um terço do emprego e a mais de 95% das exportações de São Tomé e Príncipe, sendo que somente 32 000 hectares estavam a ser geridos por empresas agrícolas. Mais de 10 000 hectares são cultivados por pequenos proprietários, que se dedicam à produção de cereais para subsistência e pequeno armazenamento.

O governo devido ao insucesso dos projetos de concessão de gestão privada, por excesso de controlo estatal, foi pressionado pelas agências de ajuda internacional a aprovar em 1991 uma lei de privatização das companhias estatais, sendo que também o banco mundial propôs a São Tomé uma concessão de longo prazo a empresas agrícolas e concessão de pequenas porções de terra a trabalhadores rurais para exploração própria.

Como já referido, o cacau tem um papel relevante na economia de São Tomé e Príncipe e que data de 1890, após a independência a predominância aumentou, contudo, a produção sofreu uma quebra, algo que é consequência do aumento da oferta e concorrência do mercado mundial. Houve ainda uma diminuição ou até mesmo interrupção de investimentos para modernização do sistema agrário nos anos sessenta que aliado à incapacidade de gestão foi uma grande contribuição negativa para a produtividade, passando São Tomé e Príncipe de principal produtor mundial de cacau no início do século XX, com 35 mil toneladas para 4640 toneladas em 1976.

Desde 1920, data da primeira crise, o governo de São Tomé fala na diversificação da agricultura, contudo sem grandes efeitos práticos. Nos tempos da administração portuguesa a produção assentava sobre o cacau, o café, a palma e a copra. Em 1990, 24% da área cultivada nas 15 maiores empresas agrícolas, possuía coqueiros, sendo a copra a única exportação com significado visível para além do cacau. Os palmeirais ocupam cerca de 9% e o café 2%, sendo o óleo de palma e café para consumo local, onde o caroço da palma é usado como combustível. Existe a intenção de reduzir o montante de importação de alimentos, deste modo à exceção dos cereais existem condições no solo e área para utilizar para agricultura. As agências internacionais têm criticado o governo local pelo investimento nos grandes projetos, excluindo os pequenos agricultores.

No que respeita à produção animal esta é reduzida, sendo que a produção suína é que apresenta maior destaque quanto a fonte de proteínas de animais se trata. No entanto, a produção suína sofreu um declínio nos tratamentos veterinários com a independência de São Tomé e Príncipe, algo que se veio a evidenciar com um surto de peste suína em 1979, que levou ao abate de 30 000 porcos. Com a ajuda internacional a produção suína, a partir de 1985 sofre um aumento que se vem verificando com o passar dos anos, sendo que, o problema atual no gado é a tuberculose bovina e a falta de pastagens para armazenamento.

A zona florestal e de mata nas ilhas é de 60% da área total, sendo que a floresta natural (Obó), que ocupa a maior parte da superfície do país, visa proteger o solo da erosão, tendo a sua exploração um valor económico limitado. Já a floresta secundária (capoeira) resulta da reconstituição florestal das zonas de cacau e café outrora abandonadas, representando uma reserva de biomassa para consumo energético. Em 1984, cerca de dois terços do consumo energético no campo era com origem na madeira, ora qualquer recuperação na agricultura irá promover uma desflorestação acelerada pois a madeira é também usada como combustível para secar o cacau e a copra. No decorrer dos anos, o governo local nunca atuou com políticas de prevenção e conservação da floresta e fauna esta associada, mesmo que, pressionados pelas entidades internacionais, sob pretexto de através destas políticas promover o investimento nas ilhas na área do turismo. Contudo, em 1990 São Tomé e Príncipe foi incluído num projeto da comunidade europeia para a proteção das florestas da África Central.

Como ponto complementar da atividade agrícola, o setor das pescas é essencial para a autossuficiência alimentar do país, na medida em que o arquipélago possui uma área de pesca de 1500 quilómetros quadrados, em que os bancos pesqueiros são mais vantajosos em Príncipe do que em São Tomé e em 1978 o governo criou uma Zona Económica Exclusiva de 200 milhas, onde se encontra inserida a melhor área de pesca de atum.

Também a melhoria das condições alimentares e fontes proteicas para a população são potenciadas pela pesca artesanal praticada por mais de 2000 pescadores nas duas ilhas, Príncipe e São Tomé. As receitas financeiras obtidas através das licenças atribuídas às empresas de pesca locais e atribuição do direito de pesca em águas do país a outros países representam uma importante alavanca económica para o país. São diversos os protocolos concretizados com a União Europeia para a captura piscatória desde 1993, contudo tem-se vindo a verificar um decréscimo de pedidos de licenças pelos locais, algo que se pensa estar diretamente relacionado com a diminuição do poder de compra por parte da população residente, assim como com o preço dos combustíveis, conservação e distribuição do produto.

No setor terciário o comércio apresenta-se como pouco diversificado, desenvolvendo-se em torno de alguns armazéns e estabelecimentos de retalho, sendo que mais recentemente tem surgindo o pequeno comércio ambulante, que se movimenta consoante a atratividade que os locais vão oferecendo baseado no movimento informal. Também o pequeno café, bar, o cozinheiro e empregado de mesa, o alfaiate e a modista têm um papel relevante na área comercial. Contudo é no trabalho administrativo, na função pública que se concentra a grande parte do setor terciário, algo que sucede em países subdesenvolvidos, onde a função pública e trabalhos a isso relacionados representam o maior volume de empregabilidade, não representando, no entanto, uma respetiva evolução e modernização de todo o sistema burocrático associado. A representação de organismos internacionais veio trazer uma maior disparidade entre setores, nomeadamente ao nível salarial. No setor dos transportes marítimos, a estrutura quase que entrou em colapso depois de 1975, após a saída das companhias portuguesas do país, situação que sofreu melhorias nos anos 80 com a política de liberalização.

Atualmente, as ligações existem com Lisboa, Porto, Antuérpia e Roterdão, operadas maioritariamente por companhias portuguesas. São Tomé e Príncipe possui dois portos um na capital, na baía de Ana Chaves, cuja configuração permite somente a acostagem de navios de calado médio, tendo os de longo curso ficar de 2 a 4 quilómetros ao largo e um outro em Príncipe onde somente é possível a acostagem de navios de calado baixo.

No que ao transporte aéreo diz respeito, o aeroporto localizado a 6 quilómetros a norte da cidade de São Tomé assegura a plenitude do tráfego internacional, tendo sofrido intervenções de melhoramentos no ano de 1984, em 1985 as intervenções assentaram sobre a torre de controlo e terminal de passageiros, tendo ainda havido espaço numa terceira fase, para a extensão da pista. A ilha do Príncipe possui um aeródromo que somente abarca pequenos aviões devido à reduzida pista que apresenta.

1.4 | Roça enquanto motor agrário

1.4.1 | Conceito de Roça

“A génese da palavra «roça» carrega para São Tomé e Príncipe o peso da sua memória e identidade. Do português “desbravar mato”, “abrir clareiras” ou “terreno onde se roçou o mato”⁷

Com base na relação histórica colonial, torna-se relevante evidenciar que o termo “Roça” surge primeiramente no Brasil, onde é entendido como “terreno de agricultura familiar”, com a finalidade de produção de mandioca ou cana de açúcar, já no caso de produção de café, cacau ou tabaco a denominação utilizada é de fazenda.

No caso de São Tomé e Príncipe as roças, para além de associadas à plantação e exploração de cacau e café, também são exemplo de avanço sobre o território denso e de expansão e povoamento de zonas outrora densamente florestadas, levando ao conhecimento de zonas, cuja geomorfologia é complexa e algumas de difícil acessibilidade.

Pela sua estrutura, organização funcional e pela sua função a roça foi ganhando relevância ao nível social, cultural e económico para São Tomé e Príncipe desde o século XVIII, uma vez que foi a partir deste sistema agrário que a produção de cacau e café impulsionaram o desenvolvimento do arquipélago ao nível tecnológico e aumento de população, a par da melhoria da economia do país que se foi tornando atrativa ao investimento externo.

No que respeita à diversidade de sistemas estruturais de roça criados, devido à intensa e constante exploração de recursos aliada à procura de maior eficiência e produtividade, houve uma necessidade de adaptar um modelo base às dimensões e função produtiva e à localização da mesma.

⁷ PAPE, Duarte e ANDRADE, Rodrigo Rebelo, *As Roças de São Tomé e Príncipe, o fim de um paradigma* | Buala - cultura contemporânea africana. 13 de abril de 2012, p.1

Podemos assim abordar primeiramente a tipologia de terreiro, uma das primeiras a ser implementada nas ilhas por ter grande adaptabilidade ao terreno e a diversas produções, é um sistema usado em roças de pequena dimensão e cujo edificado se desenvolve em torno de um terreiro central. A roça avenida é denominada a roças de grande dimensão que se desenvolvem em torno de um eixo orientador principal e ao qual podem convergir terreiros ou edifícios, sendo que no topo do eixo se encontram os edifícios principais e a entrada. Na roça cidade a característica que se evidencia é de em tudo se aproximar de uma cidade de pequena escala, sendo visível a presença de estradas ou caminhos-de-ferro, jardins e praças, cuja dimensão da roça é superior às restantes tipologias. A roça atípica caracteriza-se pela configuração pouco convencional ou pela ausência de regra estruturais derivadas de uma topografia específica ou de uma produção particular.

Uma roça de pequena ou grande dimensão, apresenta como elementos constituintes na sua base entrada e acessos, sendo que a entrada principal era símbolo de poder e de imponência perante quem a visitava e para quem laborava, havia ainda uma entrada secundária embora não tão exuberante apresentava-se cuidada pois era a ligação entre a roça e as plantações. Segue-se a casa principal, onde residia o dono da roça ou a administração atribuída pelo patrão, em que é de salientar a implantação estratégica na estrutura da roça, a dimensão e a arquitetura que a habitação apresentava, que evidenciava a diferença de estatuto entre os patrões e os serviçais. As habitações dos encarregados que se localizavam nas proximidades da casa principal embora com traça arquitetónica mais simplificada e dimensão mais reduzida, as sanzalas(habitações de serviçais) edifícios inicialmente assentes de forma informal e com construção simples, sendo que com a modernização que as roças foram sofrendo com os anos estas tornaram-se em conjuntos habitacionais estruturados embora com reduzidas dimensões e condições de higiene e salubridade.

Os secadores, armazéns e estufas eram as estruturas que ocupavam a maioria da área da roça, uma vez que o aumento e sucesso da produtividade dependia da eficiência dos equipamentos, também estes foram evoluindo com a modernização concretizada pelos proprietários, contributo importante para a dinamização da roça e sua expansão.

Conforme a dimensão e função da roça esta poderia ainda incluir equipamentos administrativos, no caso de se tratar de roças sede onde ocorria a centralização de serviços e recessão de produtos vindos das roças dependência. Edifícios de saúde como hospitais eram símbolo de autonomia e modernidade da roça, em que por razões de salubridade eram implantados em terrenos sobrelevados em 1 metro do solo, também as escolas e creches começaram a surgir no século XX com o ensino básico a ser lecionado por professores, padres ou trabalhadores europeus. O elemento religioso presente era uma capela que complementava o apoio ao ensino e assegurava um acompanhamento dos locais.

“A roça é, em São Tomé e Príncipe, o reflexo da sua própria memória e identidade. Nos períodos de ciclos produtivos ativos e de crescimento, o homem avança face à natureza. Em períodos de estagnação, a natureza prospera devido ao clima tropical.”⁸

⁸ PAPE, Duarte e ANDRADE, Rodrigo Rebelo, *As Roças de São Tomé e Príncipe, o fim de um paradigma*/Buala -cultura contemporânea africana. 13 de abril de 2012, p.6



Fig.8| Imagem aérea
da roça Sunda

1.4.2 | Contexto temporal agrário e caracterização do cacau

A Roça Sundry teve na sua base de desenvolvimento agrário e expansão a planta do cacau que teve aqui a sua primeira localização de todo o arquipélago, que data de 1822. Tendo sido uma roça pioneira na plantação de cacau e sucesso da mesma, foi assente sobre este produto que a roça foi sendo desenvolvida ao longo do tempo tendo sido introduzido o café e foram os produtos base para exportação. O cacau foi permanecendo como produto maior da roça, contudo a partir de 1975 a produção foi reduzindo devido às questões económicas, sociais e políticas implementadas na ilha, algo que se traduz atualmente na inexistência de produção referenciada ou de empresas exploradoras de cacau.

O processo de tratamento do cacau desenvolve-se após a colheita do fruto “cabaça” e extração dos grãos “favas” de cacau algo que só ocorre 5 anos após o plantio. A maturidade da cabaça é atingida entre 4 a 6 meses após a floração, sendo a sua cor amarela ou arroxeadada.

Após a extração dos grãos de cacau, o processo de preparação do cacau inicia-se com a fermentação em grandes caixas de madeira entre 6 e 8 dias, trata-se da fase mais importante do processo, pois desenvolve nas favas os óleos essenciais que dão ao cacau o aroma que lhe é peculiar e diminuem o sabor amargo característico. Ocorre também a libertação da teobromina, substância que confere ao cacau propriedades tónicas e estimulantes, eliminando a parte húmida da fava aumentando o seu teor de gordura. A secagem ao sol é a fase seguinte do processo, onde é mexido regularmente, por um período de 14 dias por forma a evitar a formação de bolor. Segue-se o blend, ou seja, a mistura dos diversos tipos de grãos que pela sua origem diferenciada conferem ao chocolate características próprias. As favas depois de limpas são encaminhadas para a torrefação cujo objetivo principal é o desenvolvimento do aroma, fase onde ocorre a esterilização dos grãos.

As favas são atiradas contra as chapas para as cascas se quebrarem, as cascas são retiradas e eliminadas sobrando o nib, ou seja, o cerne da semente limpa. Já na trituração os nibs passam por uma máquina de prensagem, onde daqui surge dois produtos: a manteiga de cacau que será reintroduzida na próxima etapa e a torta de cacau, parte dela é dissolvida e misturada com açúcar para a produção de chocolate em pó e a outra parte é resfriada e quebrada em tabletes usados para a fabricação de chocolate.

O cacau tem origem do latim *Theobroma cacao*, e significa “alimento dos deuses”, por apresentar um conjunto vasto de benefícios para o nosso organismo nomeadamente: rico em polifenóis e flavonoides cujo efeito é antioxidante, contém catequinas, componente relevante para a redução do colesterol em especial do mau colesterol, possui uma boa quantidade de fibra que contribui para o bom funcionamento intestinal, possui vitaminas do complexo B que ajuda a manter a tonicidade muscular, do sangue e nervos, apresenta um teor de ferro essencial para a prevenção de anemias, o magnésio também é um componente do cacau que ajuda no bom funcionamento do coração e estrutura óssea, contém ainda alguns componentes que produzem a sensação de bem-estar, relaxamento físico e intelectual e regulação do humor.

Fig.9| Imagem fava de cacau



Fig.10| Imagem processo de extração e preparação do cacau



II | O Lugar |Sundy



Fig.11| imagem da entrada da casa principal

“No mundo vegetal, tudo está organizado com o máximo grau de sentido e eficácia. A seleção natural não permite que, a longo prazo, aquilo que é ineficaz sobreviva.”⁹

RUMPLER, Patricia Pérez

⁹ BAHAMÓN, Alejandro | RUMPLER, Patricia Pérez| CAMPELLO, Alex, *Arquitetura Vegetal- ANALOGIAS ENTRE O MUNDO VEGETAL E A ARQUITECTURA CONTEMPORÂNEA*, Dinalivro, p.4.

2.1| Sundy e a sua identidade

A Roça Sundy localiza-se a cerca de 10 quilómetros da cidade de Santo António, na zona norte da ilha do Príncipe cuja acessibilidade é fácil e praticamente plana. Trata-se de uma roça cuja tipologia é terreiro, esta tipologia apresenta características tipo, contudo a sua dimensão pode fazer variar o número de edifícios e por conseguinte o programa funcional da mesma. Deste modo e como forma de melhor compreender as características da roça Sundy, apresenta-se a roça Paciência como termo comparativo.

A roça Paciência situa-se também ela no norte da ilha do príncipe, sendo tipologicamente igual à roça Sundy, sendo, portanto, uma roça-terreiro, a sua dimensão reduzida oferece à mesma um ambiente familiar, em muito semelhante às quintas portuguesas. A roça Paciência apresenta uma geometria quadrada que se encerra com o edificado, no entanto, este encontra-se com alguma distância entre si. Apresenta duas sanzalas numa das laterais do recinto, encontrando-se na outra ala os secadores e um antigo galinheiro. A fechar outra ala estão as oficinas e na outra está a casa principal, a casa dos empregados e os escritórios. A entrada principal para a roça faz-se através de uma rampa a eixo com a casa principal, fazendo a ligação entre o hospital e o terreiro. Existe também uma entrada secundária que liga a roça ao mato através de uma linha ferroviária.

A roça Sundy pela sua dimensão divide-se em duas zonas de marcação hierárquica, uma primeira onde um pequeno terreiro serve a entrada da roça e edifícios mais importantes, como sendo a casa principal, os serviços administrativos, os secadores e a escola e um segundo terreiro contíguo ao primeiro onde se localizam as casas dos empregados, os armazéns, as oficinas, o estábulo e cavalariças, a estação de comboio e as sanzalas. Todos estes edifícios são interligados pelo comum terreiro central sendo que somente o hospital não se encontra, estando este situado à entrada da roça marcando a avenida de acesso à roça.



Fig.12 | Localização das roças na ilha do Príncipe

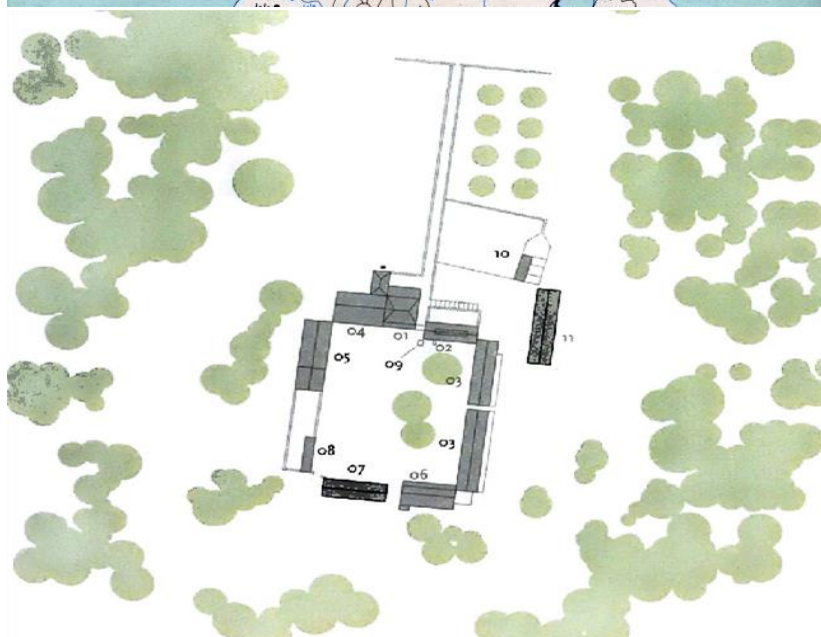


Fig.13 | Estrutura Roça Paciência

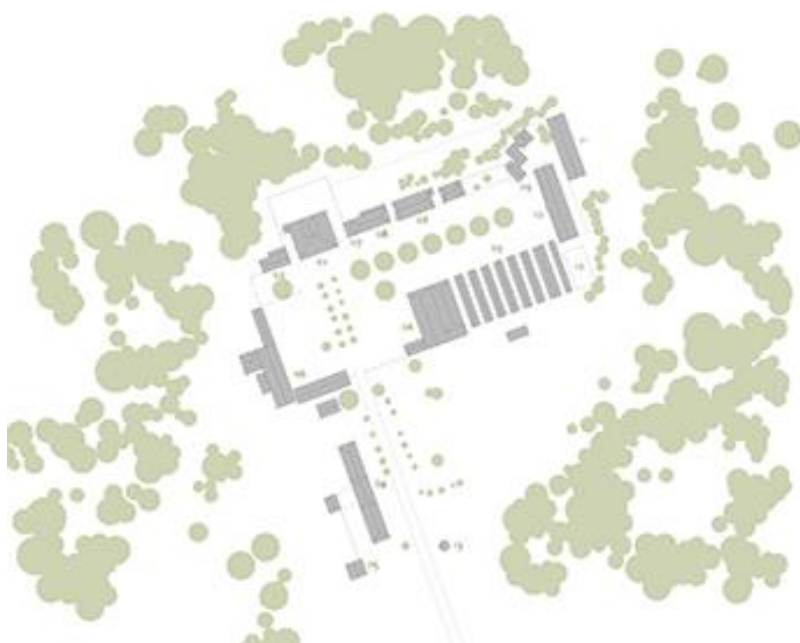


Fig.14 | Estrutura Roça Sundy

Na Sundry, os traços arquitetônicos podem ser identificados através das padieiras dos vãos que, tal como em todas as construções em São Tomé denunciam a antiguidade do edificado. Devido à ausência de pedras de grande porte para o lintel, os vãos de arco de volta perfeita foram a opção tomada, com exceção dos pequenos vãos das sanzalas, sendo as padieiras retas resultado de uma tecnologia mais avançada, uso do betão ou cimento, trabalho visível na casa principal, edifício que data de 1921 e por isso um dos mais recentes da roça. Localiza-se a eixo com a avenida da entrada onde seria a antiga casa. Contudo trata-se de um exemplar interessante apresentando-se com um piso e desenvolvendo-se num segundo piso na parte de trás da habitação, o interior é bastante rico encontrando-se muito bem conservado, onde ainda é possível encontrar objetos da época áurea da roça no princípio do século XX. (Fig.17)

O edifício onde se encontravam as cavalariças e os estábulos, situado no topo do terreiro, simula uma muralha medieval torreada sendo também um dos edifícios mais recentes da roça. (Fig.18)

As casas dos encarregados e serviços administrativos são identificadas como as construções mais antigas da roça, datam de 1890 e a sua volumetria é semelhante às sanzalas, ou seja, volumes de duas águas, de duas frentes, vãos de arco de volta perfeita e com as coberturas a fazerem um ligeiro alpendre.

As sanzalas têm uma organização em pente e cada uma é dupla e orienta-se para as duas frentes. Situadas de forma perpendicular ao terreiro, têm uma janela particular no topo de cada sanzala, igual aos vãos das casas dos encarregados. Através de uma parede divisória a meio, o vão é dividido em dois, criando uma janela de canto nas duas casas dos topos do conjunto.



Fig.15 | Casa principal,
Sundy



Fig.16 | Cavaliças, Sundy

2.2 | Evolução da roça no tempo

2.2.1 | Do seu auge de produção ao declínio

Apresenta atualmente 1, 675 hectares, aquela que foi uma das maiores empresas agrícolas de São Tomé e Príncipe no auge de produção, seguramente a maior da ilha do Príncipe, tratando-se de uma roça sede cujas dependências, (Belo Monte, São Jorge, O que Gaspar, O que José, O que Daniel, Praia Inhame, Paciência, São João, Santo Cristo, Ponta do Sol e Santa Rita) eram ligadas entre si e com a sede através de caminhos-de-ferro estrutura que na época era das mais avançadas redes ferroviárias do arquipélago. Foi na Sundry que se desenvolveram as primeiras plantações de cacau, produto que se tornou a base de produção da roça no decorrer dos anos, levando à sua expansão e exportação através de Sundry Praia para São Tomé e outros países internacionais.

Jerónimo José Carneiro, em 1875 adquiriu a roça Sundry e tornou-a na então sociedade agrícola Sundry, Lda com sede em Lisboa. A família Carneiro foi a única proprietária da roça até 1975, data em que ocorreu a nacionalização das roças e esta se passou a denominar empresa estatal agropecuária Sundry, possuindo segundo dados do instituto nacional de estatística de São Tomé e Príncipe de 2012 cerca de 416 habitantes.

A Sundry explorava essencialmente cacau e café, sendo que o cacau aqui produzido apresentava duas qualidades distintas o “cacau fino” ou “flavour” e o “cacau de escolha” e o café produzido era o arábico e libéria. Também para sustento da população era ainda aqui produzido coco, copra, coconote, banana, mamão, matabala e mandioca.

A roça Sundry apresenta algumas curiosidades ao nível agrário e científico, que levam ao desenvolvimento atualmente de esforços para preservar a memória destes acontecimentos e colocar ao dispor dos habitantes e visitantes o conhecimento recolhido até à atualidade.

Foi em 1822 nesta roça que foi plantada a primeira planta de cacau de todo o arquipélago, tornando-se como ponto de partida para uma exploração de cacau que veio a ser a principal fonte económica do país.

Foi na Sundy que ainda em maio de 1919, o senhor Arthur Eddington, levou a cabo uma expedição que visava a observação de um eclipse solar que veio, por conseguinte, a comprovar a Teoria da Relatividade de Albert Einstein.

2.2.2 | Atualidade e visão futura

Na Roça Sundry atualmente habitam cerca de 265 famílias que residem nas antigas sanzalas em cerca de 6 metros quadrados e noutros edifícios em redor, com tempo também eles ocupados para habitação, em condições igualmente complicadas com problemas ao nível da salubridade e saneamento básico, existe também uma escola primária em atividade para acolher as crianças que ali residem.

As duas casas principais foram reabilitadas e transformadas pela empresa HBD numa unidade hoteleira composta por 12 quartos e que remete para a natureza envolvente, a sustentabilidade descrita pelo uso de mão de obra local bem como de materiais reciclados sempre que possível e autenticidade da experiência através da preservação e restauro dos diversos espaços que remetem para um passado de história.

O contacto próximo entre a empresa gestora e a comunidade local permitiu ainda empregar a comunidade local representando cerca de 90% dos trabalhadores da unidade hoteleira, tendo esta recebido formação durante um ano na escola de turismo dos Açores a fim de melhor servir os visitantes.

Com a nossa visita na primeira semana de Abril do presente ano, a São Tomé e Príncipe e Príncipe , este último com especial ênfase, visitámos a Roça Sundry e ao contrário do que era expectável, encontrámos bastante movimento , isto é, foi criado um espaço anexo à unidade hoteleira para o desenvolvimento de um projeto entre a empresa HBD e o governo regional de Príncipe que movimenta um número elevado de pessoas entre encarregados, locais e empresa.

Após entrarmos em contacto com o encarregado do projeto, cuja função era mediar o diálogo entre a empresa e a comunidade local, este pôde explicar-nos que o projeto, já em desenvolvimento construtivo, tinha por base a deslocação da totalidade da população residente na roça para um novo local situado a 4 quilómetros da roça designado de “Terra Prometida”, com a finalidade de fechar a roça aos locais passando a ser propriedade exclusiva da empresa HBD para a expansão da unidade hoteleira . O realojamento da população da roça foi um compromisso assumido pela empresa HBD , onde para isso foi produzido um plano urbano, para o local escolhido e já então desflorestado que consistia na criação de 136 habitações seguindo uma lógica de criação de praças, ladeadas por um determinado conjunto de habitações, a criação de zonas de hortas cobertas e viveiros, para o desenvolvimento e sustentabilidade da nova “aldeia” aqui criada, a criação ainda de uma escola, creche infantil, zonas de estacionamento periféricas às zonas habitacionais e de comércio, espaços de comércio e serviços , posto de saúde e ainda um mercado para escoamento de produtos locais.

Na “Terra Prometida”, em abril deste ano, já estava a ser iniciada a construção de alguns modelos habitacionais já atribuídos e loteados, lotes de 12x18 com possibilidade de expansão, estando a fazer parte da sua construção a família que no modelo irá habitar, por forma, a envolver de forma direta a população local no processo.

Até esta fase, segundo o mediador nos mostrou e explicou, a intervenção do processo por parte dos locais foi indireta, ou seja, foram sendo discutidos com os moradores quais seriam os requisitos necessários para os mesmos serem realojados num outro local, a materialidade que estes entendiam ser a ideal para os modelos e as áreas essenciais para a forma de habitar culturalmente instituída.

Daqui surgiram quatro modelos de habitação, cuja materialidade varia entre o uso de bloco, pedra, cimento e madeira e as áreas variam entre os 36 e os 56 metros quadrados interiores e 5 metros quadrados de varanda.

Devido à relação da roça com o estudo da Teoria da Relatividade, foi inaugurado no final do mês de maio deste ano, com a presença do presidente da República de Portugal Marcelo Rebelo de Sousa o Espaço Ciência Sundy, que visa ser o legado físico das observações astronómicas que tiveram lugar neste lugar.

Este espaço pretende oferecer aos visitantes um conjunto de experiências interativas, que em relação direta com a Natureza, pretende aproximar o visitante tanto à herança científica ali deixada, como promover a construção de conhecimento científico por parte da comunidade local e de quem visita o Príncipe com idades dos 8 aos 80.

A escolha do local para este novo espaço social e científico, teve por base o seu património industrial ligado à produção de cacau e café foco de desenvolvimento económico da ilha. Assim sendo o local escolhido, foi outrora um secador de cacau e coco, denominado de secador elétrico ou como os locais o descrevem “museu ferro-ferro”. O edifício data de finais dos anos 50 e representa uma das fases de desenvolvimento da roça, onde o conhecimento científico e tecnológico foi aplicado diretamente nas plantações. Neste espaço de cariz industrial vão ser recriadas cenas de época usando maquinaria existente no local a fim de manter presente a ligação entre a ciência e a história associada às diversas valências da roça.

Este projeto é composto por um espaço físico na Roça Sundy e por um conjunto de Trilhos de Ciência e irão confluir neste espaço, onde se exploram as conexões entre as ciências do mar, da terra e do céu.

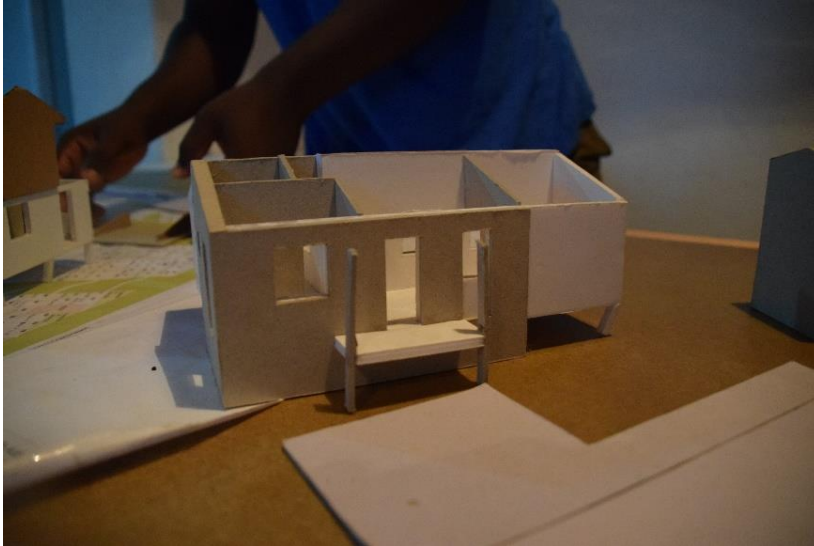


Fig.17|imagem de protótipos para a “Terra Prometida”



Fig.18|imagem de protótipo para a “Terra Prometida”

III | Projeto

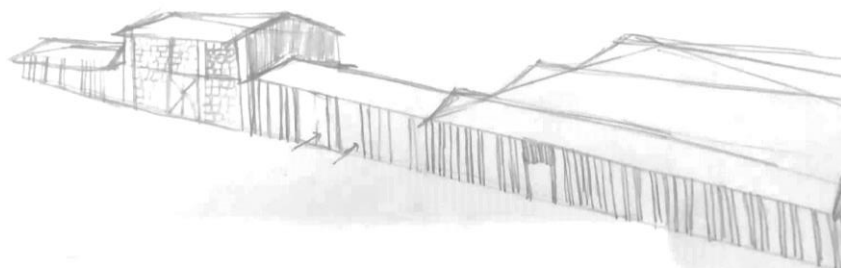


Fig.19| Esquiço de procura de materialidade

“É necessário encontrar o equilíbrio certo entre o controlo da experiência espacial e uma liberdade para permitir que as coisas aconteçam” Álvaro Siza Vieira

3.1 | Desenvolvimento programático

3.1.1 | Roça enquanto construção auto-suficiente

As roças na sua constituição formal e funcional são formadas por um conjunto de edifícios que entre si pretendem formar uma área independente, onde a saúde, a economia, a educação e a administração fundem-se numa área que se pretende eficiente, rentável e sustentável.

Existe então desde a sua formação a intenção da roça ser uma estrutura autossuficiente, ou seja, que se basta a si própria, independente. Este conceito de autossuficiência transportado para a atualidade ganha outros contornos um pouco distintos em relação à base conceptual usada no passado, no sentido em que se pretende reabilitar as bases da roça para fins de expansão, melhoramentos sociais e potenciar a evolução da economia de pequena escala por forma a atribuir uma nova imagem a uma estrutura que outrora fora exemplo de exploração.

Deste modo, o programa para a roça Sundry prevê ao nível habitacional a reabilitação das sanzalas existentes a fim de preservar a história da roça, mas melhorando as áreas e qualidade da habitação local, a construção de novos modelos habitacionais numa área que prevê a expansão da roça e onde se localizam algumas habitações precárias atualmente. Nos dois polos habitacionais prevê-se a criação de espaços de convívio com zonas verdes, áreas pedonais e de contemplação. Ao nível da educação prevê-se a criação de uma escola primária, assim como, uma escola de formação laboral direcionada para aos setores mais fortes localmente, seja a agricultura, a saúde e a educação. Em termos económicos será criada uma pequena indústria ligada à história local do cacau que irá dinamizar a roça atribuindo postos de trabalho, exploração de produção de cacau e tratamento do cacau para produção de chocolate.

Em conjunto mantém-se a unidade hoteleira já aqui presente, cria-se uma unidade de saúde para cuidados primários, mantém-se a igreja já existente e cria-se espaços para o pequeno comércio, um mercado para troca e divulgação de produtos locais e por fim a criação de um parque verde onde se concentram a diversidade de espécies autóctones da região a fim de divulgar um território e um património vegetal preservado pelos locais e valorizado por entidades internacionais como a UNESCO.

3.1.2 | Produção de cacau como motor de desenvolvimento

O cacau representa um papel fundamental na história desta roça, foi um produto essencial para o desenvolvimento da roça e de toda a região que se promoveu através da exportação do cacau ao longo do tempo.

Deste modo, trazendo a memória do auge na produção e exportação do cacau e dos efeitos positivos para a economia local nesse período da história do país, pretende-se trazer de novo a vida a esta roça através da exploração e tratamento do cacau para fins de exportação, com vista a melhorar a taxa de empregabilidade na roça e na região através de atribuição de postos de trabalho tanto ligado à plantação como ao tratamento e transformação do produto. Com a reabilitação deste produto agrícola pretende-se ainda dinamizar o pequeno comércio local com a divulgação e exposição de produtos com origem no cacau envolvendo se possível outros produtos aqui desenvolvidos por forma a atrair investimento e turismo. O uso de nova tecnologia aliada aos processos industriais outrora usados, levará a unir o passado com o futuro na indústria e história da roça.

O desenvolvimento e exploração do cacau atualmente está a ser realizado na ilha do Príncipe e também em São Tomé por pequenos empresários, contudo o mais conhecido por Portugal será Claudio Corallo, por este ter aberto uma loja em Lisboa para divulgação e exportação de produtos oriundos destas duas ilhas. Claudio Corallo conta com 40 anos de experiência na produção de chocolate, mas também de café, tendo desenvolvido o seu conhecimento principalmente em África e num curto período na América Latina, mais concretamente na Bolívia. Em 1974, com 23 anos, mudou-se para o Zaire, tendo após alguns anos a trabalhar na indústria do café, avançou para a aquisição das suas próprias plantações no centro do país. Nos melhores anos, a produção foi de cerca de 880 toneladas de café da mais elevada qualidade, que era exportado e apreciado em todo o mundo. Quando a situação política no Zaire se começou a deteriorar, nos anos 90, Claudio começou a trabalhar em São Tomé e Príncipe.

Inicialmente, o seu objetivo era usar o seu vasto conhecimento que tinha da produção de café para produzir cacau, contudo viu-se a braços com um grande desafio: o sabor amargo do cacau, algo que encarou como um defeito das favas de cacau e que levou ao desenvolvimento de um laboratório que tinha por objetivo alcançar uma fava de cacau sem o amargo característico. Só através da experimentação feita por si próprio na produção do chocolate é que conseguiu compreender verdadeiramente o cacau e o chocolate e um cacau que não é amargo. O resultado traduz-se num chocolate feito desde a plantação à tablete e que se encontra identificado como o mais puro do mercado. Claudio neste momento, desenvolve a sua atividade na ilha do Príncipe, na roça do Terreiro Velho onde produz cacau, café libéria e pimenta e na ilha de São Tomé, na roça Nova Moca, onde produz diferentes tipos de café.

Deste modo, é uma fonte de conhecimento que pode ser essencial para melhor compreender as características tanto do cacau como do local, aproveitando assim, a vasta experiência que Claudio Corallo possui no ramo, tirando daí os melhores ensinamentos sobre como lidar com a natureza e o produto.

Fig.20| Claudio Corallo a podar uma árvore de cacau



Fig.21| Cacau acabado de torrar e a ser descascado na plantação Nova Moca



Fig.22| planta do cacau

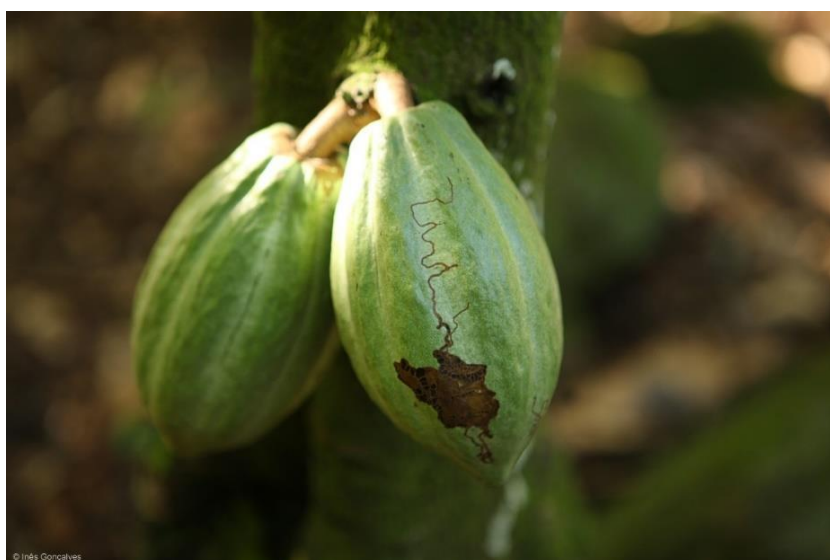




Fig.23 | embalagem do produto final

3.1.3 | Intenções de promoção da Sundry

A roça Sundry representa um marco histórico importante, ao nível científico relacionado com a Teoria da Relatividade, contudo é no cacau que a Sundry é vista como pioneira tendo sido aqui que a primeira plantação de cacau foi bem-sucedida.

É então usando este produto que se propõe divulgar a roça Sundry dentro do país e além-fronteiras, onde a qualidade do produto final, o chocolate, serão destacadas na área de provas localizada no interior da fábrica e possível de adquirir no pequeno comércio da roça. O processo de produção será demonstrado e possível de visitar através de visitas guiadas às instalações da unidade fabril. A educação e a formação na roça irão beneficiar o emprego qualificado tanto na fábrica, como também oferecendo maiores possibilidades de sucesso laboral para quem ali habita, pois, a roça pode vir a tornar-se num local de referência para a formação de profissionais.

Também o Turismo beneficiará com a introdução desta unidade fabril ligada ao cacau na roça Sundry, uma vez que o turismo local irá ser direcionado para a relação da vegetação com a agricultura, do património verde com a história de um país ligado à exploração de produtos que beneficiam de condições particulares e específicas e que tornam o país numa zona única e alvo de curiosidade.

A promoção da imagem da roça será feita em parceria com a unidade hoteleira já aqui instalada e com o governo regional, por forma a levar a cabo a construção de uma ponte estratégica com os vários continentes, sendo esta por meio digital com a criação de uma plataforma informática com vista a divulgar todas as informações necessárias para aceder ao local.

3.2 | O Projeto Urbano

3.2.1 | Objetivos programáticos

O programa para a roça Sundry visa retomar a base de estrutura agrária criada entre os finais do século XIX e inícios do século XX e que foi sinónimo de uma alavancagem grande na modernização e industrialização do país, para além da subjacente valorização através da dimensão, diversidade e arquitetura. Desta forma, o conteúdo programático consiste em habitação, elementos agroindustriais e assistenciais, com a finalidade de manter a história, restaurar o património arquitetónico e vegetal e dinamizar a produtividade local, a fim de se atingir a autossuficiência desejada para a diminuição da dependência externa.

Aliado a estas intenções este projeto pretende ser o espelho de uma investigação pela união de um passado a um presente que se possa conjugar num futuro sustentado, ou seja, este projeto pretende responder às necessidades atuais, corrigir algumas fragilidades que a roça apresenta, como sendo o incentivo à escolaridade e à formação profissional, procurando instruir a sociedade local dando-lhes ferramentas para um desenvolvimento pessoal e possibilidade de procurar opções laborais que beneficiem economicamente o agregado familiar.

A criação de pequeno comércio e os espaços verdes pretendem dinamizar socialmente a roça, levando até si população da cidade e roças na sua periferia, podendo ter contacto com outros intervenientes afastando o isolamento que atualmente se verifica.

Também a habitação sofre intervenções acentuadas pela urgência de lhes atribuir condições de salubridade e saneamento básico, melhoramento das áreas habitadas e uso de materiais com maior durabilidade, mas que respeitem sempre o local e a envolvente em que se encontra inserida.

Neste projeto as potencialidades do lugar também deverão ser consideradas e potenciadas, como forma de impulsionar todos os outros melhoramentos. Assim, a unidade hoteleira em conjunto com a fábrica de chocolate têm uma visão conjunta, para formarem uma maior força junto das entidades turísticas criando aqui, um ponto diferenciador das restantes roças e pontos turísticos da ilha do príncipe, pois sendo o turismo atualmente voltado para um turismo ecológico e de natureza a roça Sundry ao aliar esta tipologia à história e memória da indústria do cacau, tendo em conta que devido ao tempo a visão de todo este conceito sofreu novos caminhos e houve uma reconstrução daquilo que é a exploração do cacau, existe aqui um fator diferenciador e cativante sobre qual será este novo rumo e como a tecnologia acompanhou este processo.

Nesta proposta existe a intenção de preservar a identidade do lugar através da reabilitação de edificado, preservação de peças industriais ou agrícolas que possam ser relatos vivos de uma história que se quer contar e reescrever e ainda fazer uso de materiais e linguagens arquitetónicas no novo edificado que sigam os usos locais e os ideais dos que ali habitam.

O plano urbano foi pensado para a roça como meio de reorganizar espacialmente o edificado pré-existente e o novo seguindo uma lógica hierárquica de ruas, avenidas e praças, como ponto de união e hierarquização de funções. A ortogonalidade e geometrização da malha urbana visa estabelecer pontos de contacto entre edificado cujas funcionalidades se complementem na promoção da dinamização da roça(fig.26). Os espaços verdes têm um papel relevante nesta organização, pois pretendem aproximar a roça à envolvente de elevada densidade arbórea e onde se pretende aproximar os habitantes do ambiente exterior promovendo assim a interação social e preservação de espaços verdes criados. (fig.28)

Fig.24 | malha urbana da roça

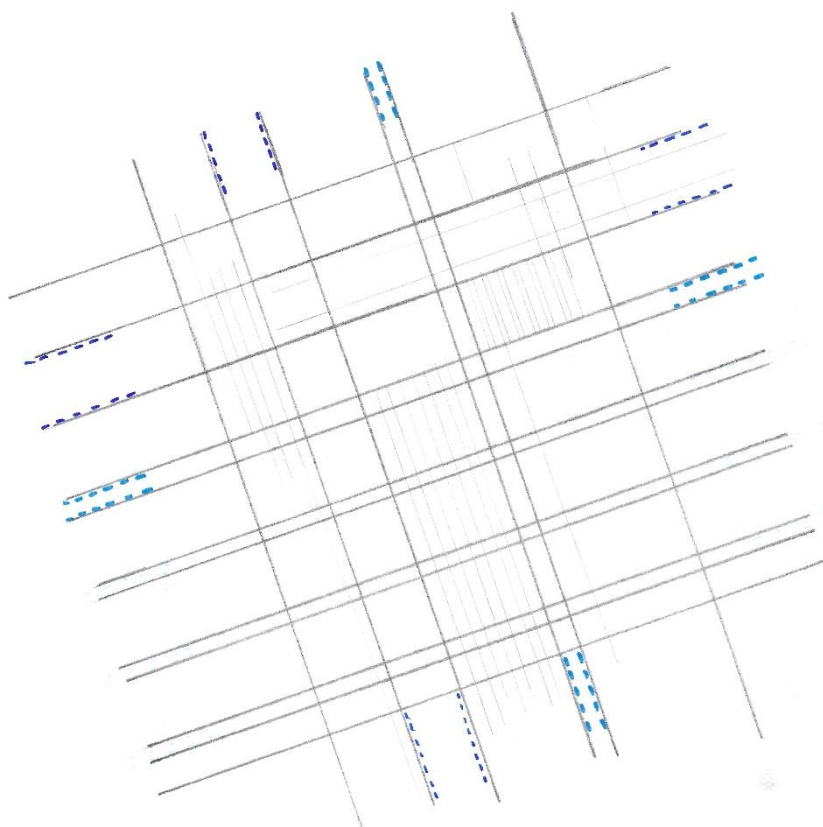
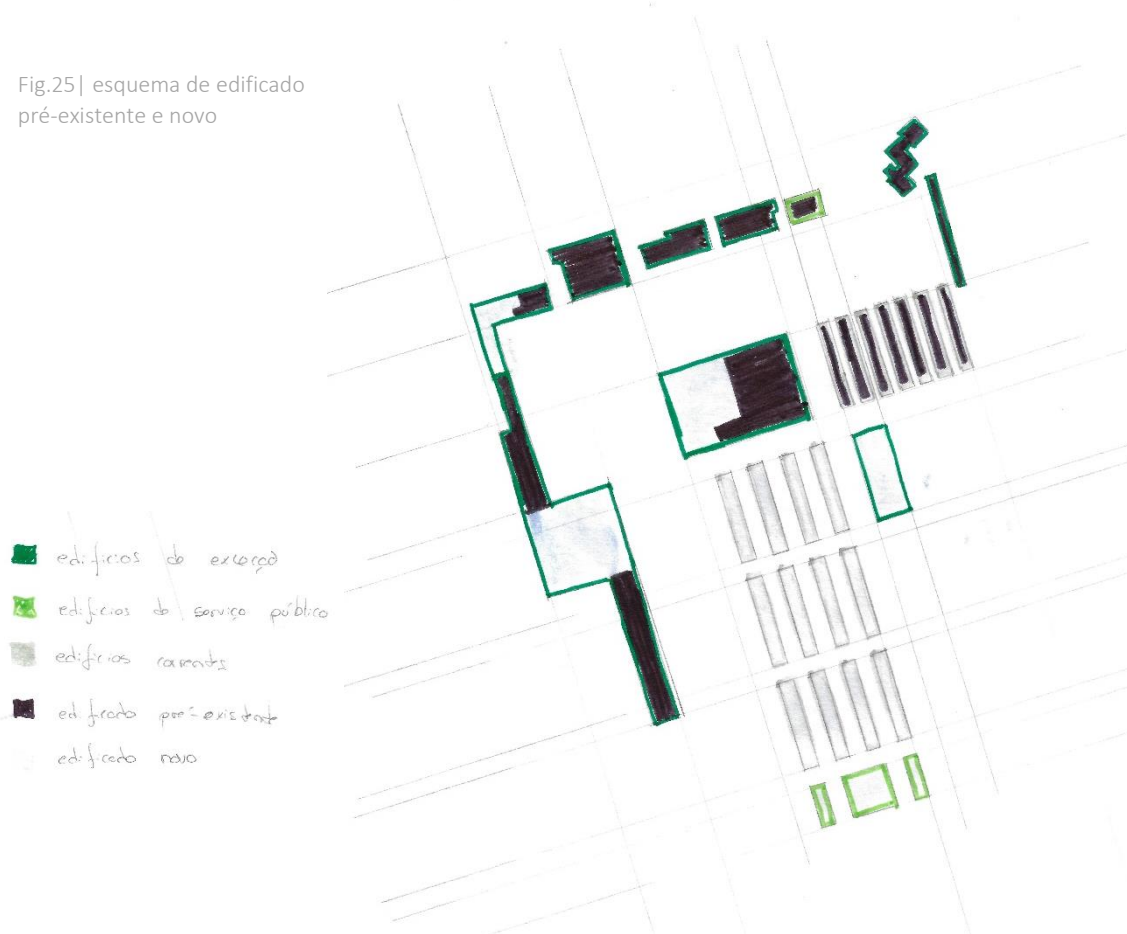
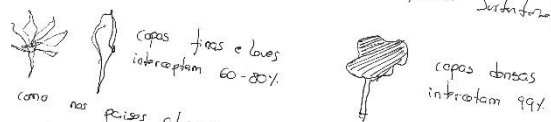


Fig.25 | esquema de edificado
pré-existente e novo



tipologias e tipologia de solos (p. 224 - *Regulamento Substancial* e *Su Tano e Ponce*)



como nos países africanos, a obstrução eficiente das excessos solares são uma eficiente aliada de baixo custo e manutenção (p. 237 - *Al...*) (Kroner, 1960)

tipologia de redeção solar :
vegetação independente
vegetação associada
vegetação composta

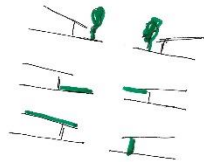


Fig.26 | esquemas de espaços verdes

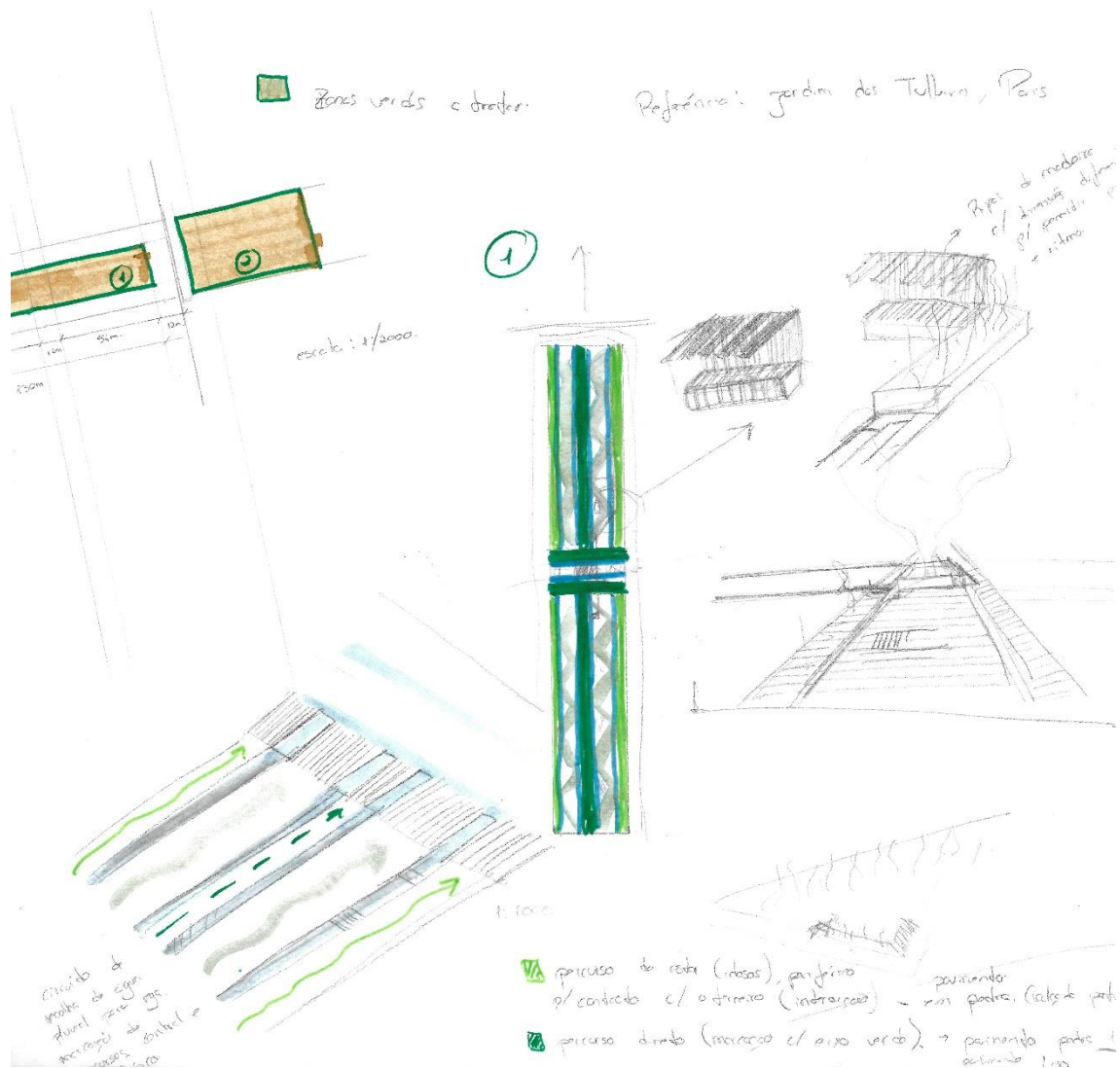
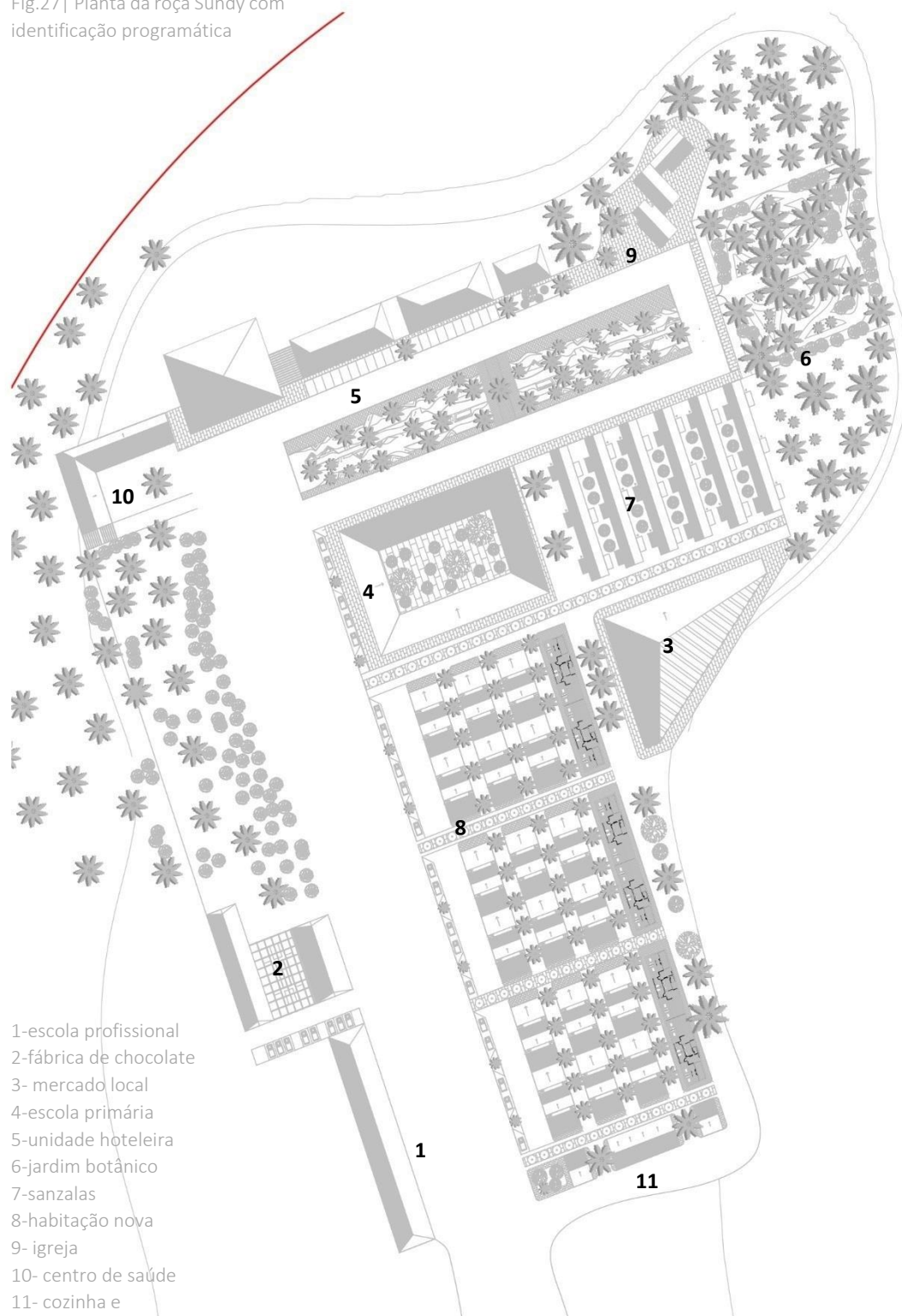


Fig.27| Planta da roça Sundy com
identificação programática



- 1-escola profissional
- 2-fábrica de chocolate
- 3- mercado local
- 4-escola primária
- 5-unidade hoteleira
- 6-jardim botânico
- 7-sanzalas
- 8-habitação nova
- 9- igreja
- 10- centro de saúde
- 11- cozinha e instalações sanitárias comunitárias

Propõe-se então primeiramente a reabilitação do antigo hospital enquanto estrutura arquitetónica de grande dimensão e relevante como marco de entrada na roça, contudo adquire nova função tratando-se de um espaço para receber uma escola de formação profissional e agrícola, no sentido de atribuir formação à população, para laborar, seja no setor agrícola como no setor industrial e comercial. Pela sua localização e envolvente permite um contacto de grande proximidade com a vegetação, possibilitando o desenvolvimento de pequenas hortas experimentais nas suas imediações.

Daqui logo contiguamente, desenvolve-se uma pequena indústria ligada ao cacau a fim de dinamizar economicamente a roça e zonas envolventes. Esta indústria pretende absorver a formação especializada que surge da escola de formação, podendo ainda chamar a si técnicos externos como meio de aqui, proporcionar trocas de ideias e experiências entre países produtores e experiências pessoais.

É criado ainda para potenciar esta dinamização um mercado local para troca e venda de produtos locais, com origem na agricultura ou na pecuária, uma vez que o mercado em São Tomé e Príncipe tem um papel fundamental para a interação social e coesão da mesma torna-se relevante aqui fomentar esta interação, fortalecendo aqui a ideia de autossuficiência com a circulação de produtos e da economia de pequena escala.

Para os mais jovens será desenvolvida uma escola primária, possibilitando um acompanhamento mais próximo parental evitando grandes deslocações para as famílias diariamente para os estabelecimentos de ensino. Atualmente os jovens dos mais pequenos aos adolescentes deslocam-se diariamente a pé ou através de boleias de quem assim o permite em carrinhas de caixa aberta que os transportam para o ponto mais próximo do destino seja ele a escola ou casa sendo esta distância cerca de 5,3 quilómetros, por ser a distância até à escola em Santo António.

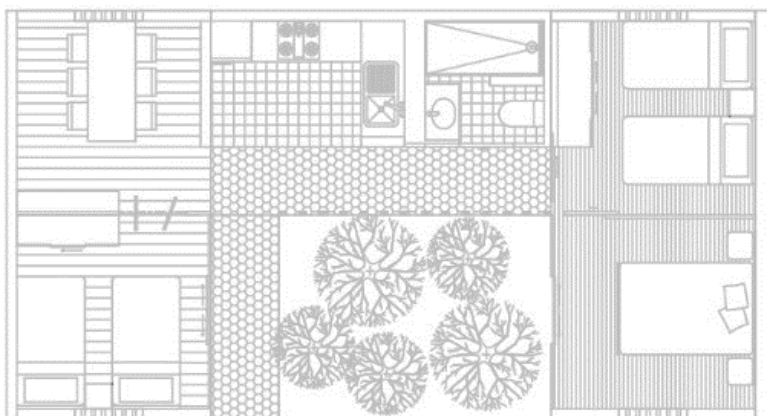
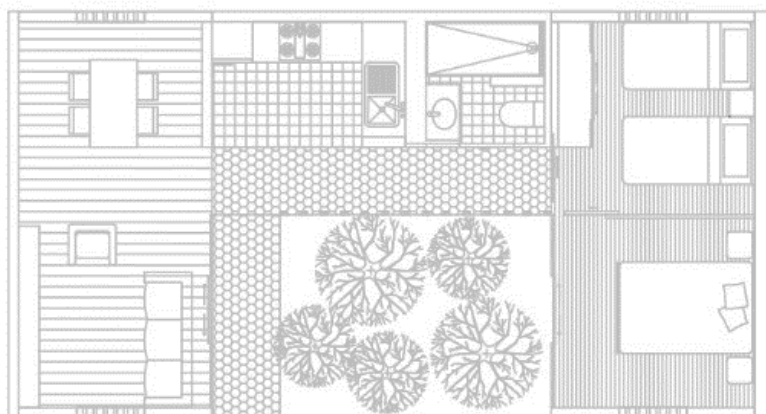
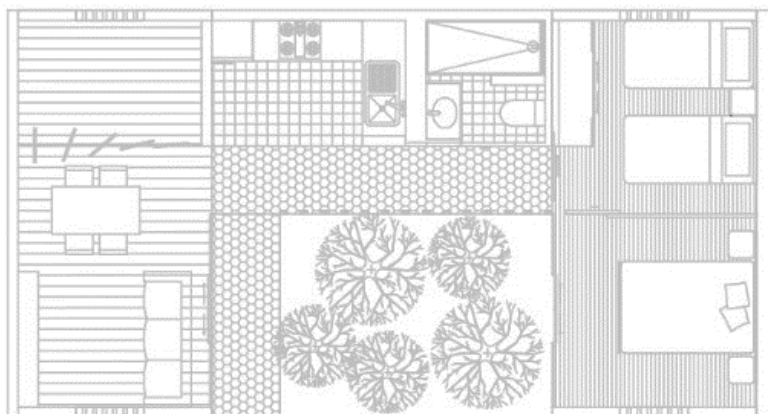
O turismo já encontra presente na roça através da empresa HBD que aqui possui uma unidade hoteleira e que se pretende valorizar através de um aumento de programas culturais virados para a envolvente vegetal nomeadamente com a criação de um parque de espécies autóctones cuja entrada se faz a partir das antigas cavalariças.

No âmbito religioso preservamos a igreja já aqui edificada e no campo da saúde desenvolvemos um pequeno centro de saúde para poder oferecer à população os cuidados primários. Como forma de aproximar a roça das localidades mais próximas prevê-se o melhoramento das acessibilidades rodoviárias e pedonais.

Quanto à habitação propõe-se a reabilitação e transformação das sanzalas a fim de atribuir melhores condições de habitabilidade e salubridade a quem ali reside, desenvolvendo ainda numa outra área, novos modelos habitacionais a fim de prever o desenvolvimento da roça e posterior aumento populacional.

Seguindo as informações obtidas quanto à forma de habitar a roça pelos residentes da mesma , propõe-se a criação uma zona de cozinha e instalações sanitárias comunitárias para primeiramente providenciar a quem lá habita as estruturas que atualmente usam para estas finalidades e posteriormente , poder vir a responder à expansão da roça pela sua localização na extremidade sul da roça.

Fig. 28| tipologias de modelo habitacional novo



3.2.2| Edificado pré-existente e nova construção; Desenho urbano de microcidade; malha estruturante

A roça Sundry apresenta um conjunto edificado que exibe distintos estados de conservação e distintas funções, também o edificado apresenta uma relação de grande proximidade com a vegetação o que, representa por si uma importante base de organização programática e estrutural da roça.

“O paradigma mais imediato da analogia destes dois mundos dá-se entre a árvore, como representante mais popular do reino vegetal, e o edifício em altura, como o seu equivalente em arquitectura. A referida analogia reside na notável verticalidade de ambos os elementos e na existência coincidente de fundações subterrâneas.”¹⁰

Nesta zona do globo a relação do reino vegetal com a arquitetura é estreita, a coexistência das duas construções, tem ao longo do tempo resultado numa harmoniosa proximidade e respeito. As construções produzidas pelo homem até então, regem a sua verticalidade em função da verticalidade vegetal circundante, onde esta tem uma maior evidência e imponência.

Tendo isto como referência, a intervenção na roça visa respeitar as altimetrias do edificado aqui presente, reabilitar os edifícios possíveis, sendo eles as sanzalas, as cavalariças, a igreja preservando as funções destes, mantendo a história e a memória do local presente, introduzindo contudo, nova construção em zonas atualmente frágeis construtivamente e que possam adquirir novas funções em função da intenção de autossuficiência pretendida para a roça.

¹⁰ BAHAMÓN, Alejandro | RUMPLER, Patricia Pérez | CAMPELLO, Alex, *Arquitetura Vegetal- ANALOGIAS ENTRE O MUNDO VEGETAL E A ARQUITECTURA CONTEMPORÂNEA*, Dinalivro, p.5

No que à organização espacial e estrutural da roça diz respeito, procurou-se seguir as linhas gerais da tipologia de roça avenida já aqui implementadas, seguindo para linhas secundárias, segundo as linhas principais de forma perpendicular e paralela com uma repetição maior, criando uma malha mais apertada com a intenção de marcar pontos de interesse nos topos das avenidas e limitar o perímetro da roça através do topo das ruas.

O edificado de exceção encontra-se situado nos eixos principais da roça sendo eles o antigo hospital, marco relevante que serve de ponto de entrada para a roça, fábrica de chocolate, como ponto de desenvolvimento económico local, mercado, como ponto social e interação geracional e ainda a escola primária como elemento base de formação e desenvolvimento do ser humano ,com grande foco para o acompanhamento dos mais jovens no que há educação e evolução pessoal diz respeito.

Fig.29| Plantas da roça Sundy com edificado pré-existente, novo, malha estruturante e edificado de exceção



- -edificado pré-existente
- -edificado novo
- -edificado contíguo à pré-existência
- -malha principal
- -malha secundária
- -edificado de exceção

3.3 | A Proposta Edificada

3.3.1 | Aliar o novo à pré-existência

"Tornar mais humana a arquitetura significa fazer uma arquitetura melhor e alcançar um funcionalismo muito mais amplo que o puramente técnico." (A. Aalto)¹¹

O edifício a desenvolver terá como edificado contíguo uma pré-existência tratando-se esta do antigo hospital que será reabilitado mantendo assim a sua base estrutural e elementos de fachada inalterados. Assim, existe uma clara intenção de respeitar o passado arquitetónico embora atribuindo-lhe uma nova função, assente nas necessidades atuais da roça e com isso criar uma relação com a arquitetura contemporânea da unidade fabril que aqui se vai desenvolver remetendo para um futuro próximo da história local, ou seja, é uma forma de unir o passado, o presente e o futuro de um povo através da história e do património arquitetónico, onde a evolução e a modernização tomam lugar.

Também aqui o património vegetal tem um grande impacto como elemento de ligação destes dois espaços temporais distintos. A parte de plantação de cacau vai conectar-se no seu extremo sul à vegetação densa e vertical localizada na fachada poente do novo centro de formação profissional. A arquitetura construída seja pré-existente ou nova irão ter como elemento de conexão comum a vegetação. Existe então aqui a ideia que o arquiteto Kengo Kuma defende, que a arquitetura é produto do lugar, onde é o lugar que potencia a arquitetura e não o inverso.

¹¹ Aalto, Alvar, <https://www.ebad.info/aalto-alvar>

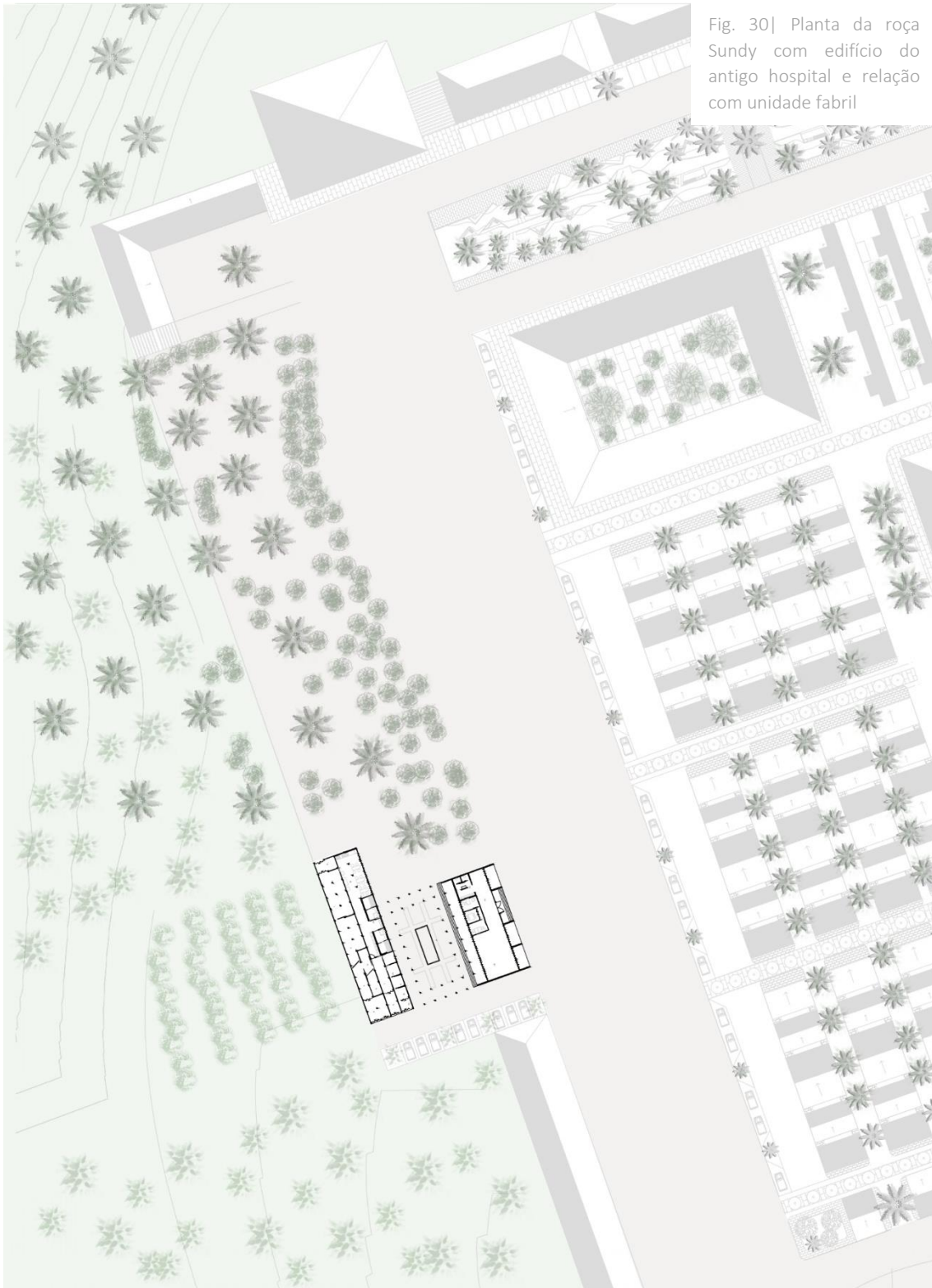


Fig. 30| Planta da roça Sundy com edifício do antigo hospital e relação com unidade fabril



Fig.31| Alçado da roça Sundy com edifício do antigo hospital e relação com unidade fabril

3.3.2 | Papel de pequena indústria no contexto local

A reintrodução da exploração de cacau na roça Sundry pretende dinamizar a roça no âmbito laboral e económico. Trata-se de uma localidade que, tal como as restantes zonas do arquipélago sofrem com o reduzido ou nulo investimento local e externo. Derivado a esta falta de investimento as taxas de desemprego são também elas elevadas, situação que, segundo dados do IV recenseamento geral da população e da habitação de 2012, se evidenciava como problemática na sundy onde num total de 287 residentes com idade laboral apenas 145 se encontravam empregados, sendo 86 do sexo masculino e 59 do sexo feminino. Assim, cerca de metade dos residentes com idade para trabalhar encontra-se em situação de desemprego ou de inatividade, sendo que a inatividade é a expressão maioritária. (anexo3)

Deste modo, e segundo os dados obtidos é importante para a roça a introdução de um investimento de pequena escala no local para tentar reverter não só esta situação laboral como também possibilitar melhores condições económicas aos residentes, levando a que este aumento de poder de compra potencie uma dinamização na zona.

Com esta indústria ligada ao cacau pretende-se que a população se envolva e se sinta de alguma forma atraída novamente a este produto, de modo a desenvolver as plantações, integrando as equipas de transformação do produto e comercializando os produtos que daqui surgem. Esta fábrica pretende desenvolver a motivação laboral a coesão social e apostar na formação e desenvolvimento pessoal da população da Sundry, com espaço para integrar população externa à roça.

3.3.3 | Conteúdos programáticos da unidade fabril

O desenvolvimento da fábrica leva-nos para a relação que a arquitetura do homem, estabelece com a arquitetura natural. Esta construção pretende à semelhança do que Alvar Aalto testou na sua obra villa Mairea e Kengo Kuma na obra Yunoeki Oyu, o respeito, a interação e a permeabilidade que a peça construída exerce sobre a natureza. Os ritmos da vegetação são transportados para os elementos construtivos e de marcação dos espaços exteriores, a densidade arbórea do local é identificada através da densidade de pilares e da materialidade das estruturas de sombreamento também elas em madeira.

O edifício deve respeitar o lugar e o lugar deve absorver o edifício, na medida em que, o edificado deve ser parte da paisagem e não um elemento de destaque e de repulsa da envolvência.

Usar os ritmos da natureza vegetal foi a base experimental destes dois arquitetos, iniciando com Alvar Aalto na villa Mairea na Finlândia. Alvar Aalto, um arquiteto finlandês (1898 -1976), cuja obra é identificada como eximia na vertente orgânica da arquitetura moderna na primeira metade do séculoXX, partilha também o gosto a par da sua mulher pelo design de mobiliário. Em Villa Mairea, o arquiteto faz uso de um conjunto de materiais como troncos de bétula, espécie característica da Finlândia , no interior dos espaços para marcar a escadaria interior de uma habitação para fins de receção de convidados ou como retiro rural, onde este material através da marcação e posição intencional remete para a densa floresta que se encontra em redor desta obra. Em planta podemos observar a intenção de marcação do espaço exterior da unidade habitacional através de um “muro” denso de varas de madeira. Uma marcação e intenção de regularidade que transporta até às paredes de madeira da sauna com cobertura verde e que segue para a cobertura de um percurso exterior.

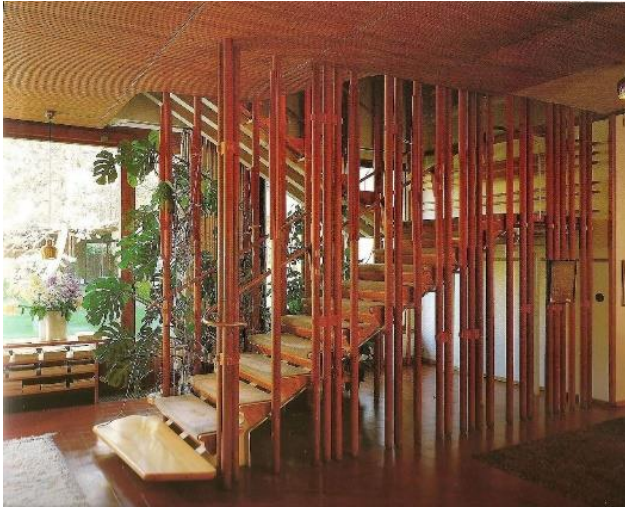
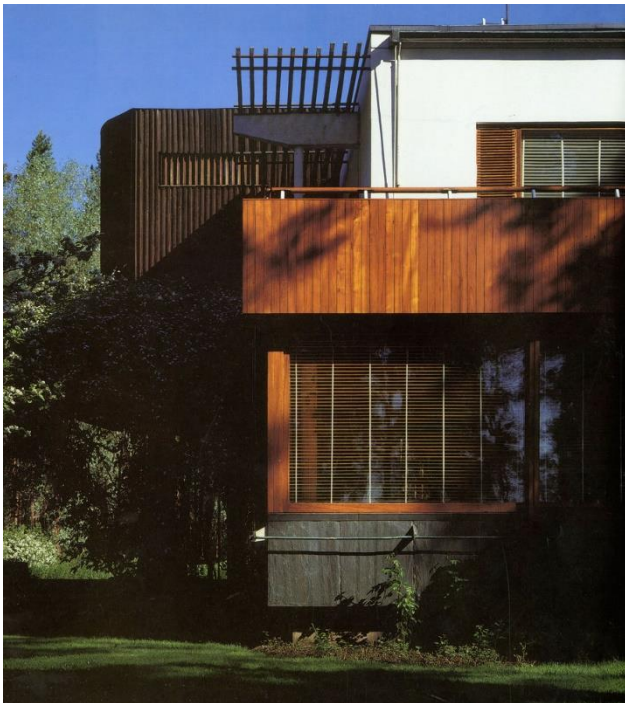


Fig.32,33 e 34| Villa Mairea, Alvar Aalto



Kengo Kuma , arquiteto e professor japonês, (1954 -), apresenta nas suas obras a sua filosofia base de procurar recuperar a tradição dos edifícios japoneses e proceder à reinterpretação dessas tradições para o século XXI, sendo observável através das suas diversas obras a procura pela manipulação da luz e o desenvolvimento de relação com a natureza através da materialidade dos objetos.

“Pode-se dizer que o meu objetivo é “recuperar o lugar”. O lugar é resultado da natureza e do tempo; este é o aspecto mais importante. Acho que minha arquitetura é algum tipo de moldura da natureza. Com ela, podemos experimentar a natureza mais profundamente e mais intimamente. A transparência é uma característica da arquitetura japonesa; tento usar luz e materiais naturais para obter um novo tipo de transparência” – KUMA, Kengo¹²

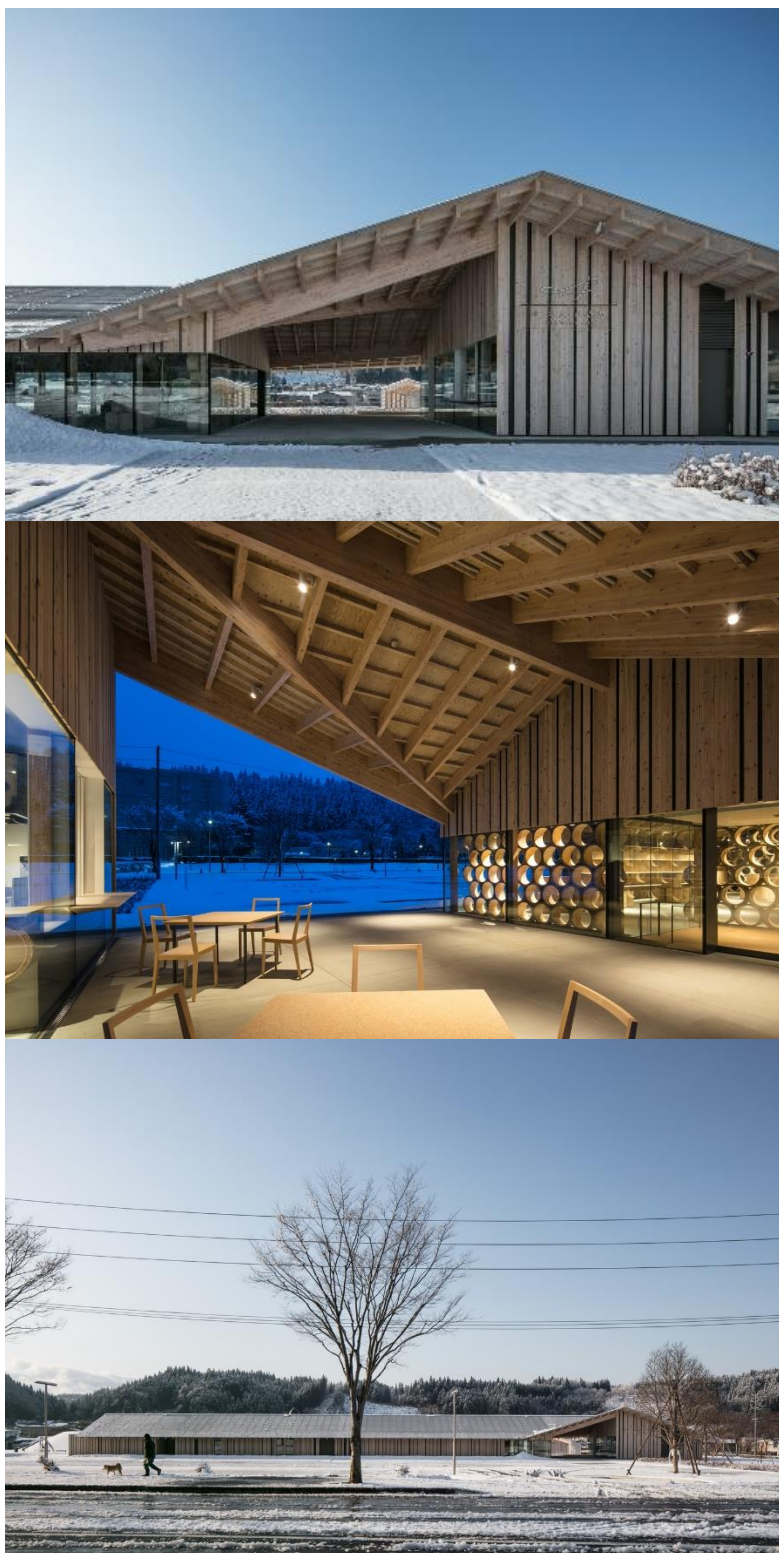
Seguindo este contexto ideológico, o arquiteto Kengo Kuma na obra Yunoeki Oyu em Akita, no Japão , data de 2018, trata-se de um centro comunitário que no seu programa inclui uma loja, um café, um teatro ao ar livre, um parque, um aquário e um biótopo sob uma enorme cobertura. Aqui, com a finalidade de criar um espaço dinâmico com adaptabilidade programática, o arquiteto usou como referência um *mage wappa*,¹³. Estruturalmente o edifício é composto por cilindros de madeira laminada, a instalação destes anéis, é adaptável podendo ser usada como uma estrutura transparente ou como uma partição ou prateleira.

Aliado à intenção clara do arquiteto, podemos fazer a relação com a mesma referência de densidade de vegetação daquela zona do Japão, a partir da imagem das fachadas que se faz com elementos em madeira dimensionados de forma irregular, por forma, a criar marcações de entradas para o interior do edifício. A materialidade da obra remete para esta proximidade com a natureza que se pretende forte mas simbiótica.

¹² KUMA, Kengo, Referência de obra de Kengo Kuma , Bogner, B. (2009). *Material Immaterial: The New Work of Kengo Kuma*. New York: Princeton Architectural Press.

¹³ Mage wappa- uma cesta redonda de refeições feita a partir de madeira fina, peça de artesanato tradicional da zona de Akita.

Fig. 35,36 e 37 | Yunoeki Oyu,
Kengo Kuma



Embora ambientes distintos e vegetação distinta a retratar, é na densidade que encontramos o elemento de ligação entre as obras aqui referidas e a unidade fabril pensada para a roça Sundy.

Nesta peça construída, a arquitetura remete ainda para obras da época colonial do estado novo como o antigo liceu nacional D.João II(hoje liceu nacional Patrice Lumumba), de autoria do arquiteto Eurico Pinto Lopes, arquiteto que integrou um equipa de arquitetos em Lisboa que trabalhou para o ministério das colónias, posteriormente, 1951, ministério do ultramar, como funcionários públicos, produzindo arquitetura para o estado para as então ex-colónias portuguesas.

Nesta obra, foram seguidos princípios base para um programa com relevância para o estado português como sendo:

- o o uso de plásticos como extensão da arquitetura para proteção de incidência solar e controlo de humidade
- o ventilação e ventos dominantes têm influência direta na implantação do próprio edifício, onde a fachada de maior dimensão fique defendida contra a insolação beneficiando em simultâneo dos ventos predominantes para ventilação cruzada.
- o Cobertura plana com caixa de ar para produzir uma ventilação no interior do edifício de forma satisfatória

Aqui se mostra a intenção de através da marcação espacial, elementos estruturais e materialidades remeter para cuidados particulares com fatores climatéricos que conferem à arquitetura o conforto desejado para este lugar. O controlo da luz, orientação dos ventos e sombreamento são fatores importantes a reter nesta obra e relevantes de transportar para um edifício com as características e funcionalidades de uma unidade fabril.

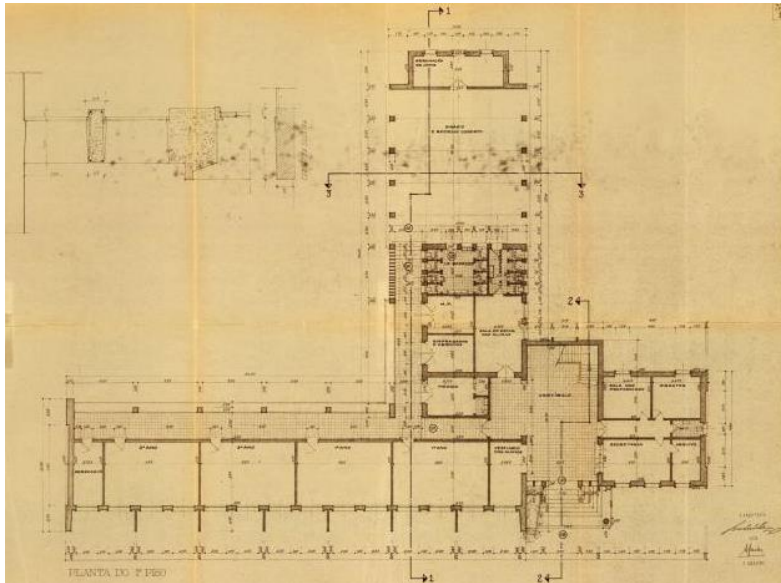


Fig.38| Liceu nacional Patrice Lumumba, Eurico Pinto Lopes

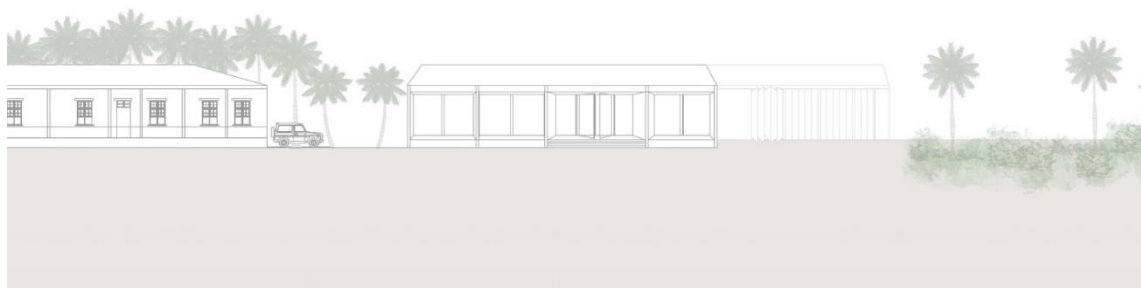
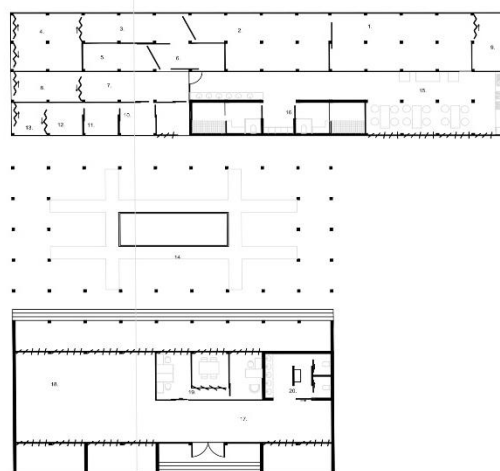


Fig.39| Liceu nacional Patrice Lumumba, Eurico Pinto Lopes

Deste modo, este edifício, pretende aliar a funcionalidade com o conforto, a arquitetura com a paisagem e o ser humano à natureza. Para isso esta unidade fabril é constituída por dois edifícios, um primeiro onde se encontra a zona de receção, zona administrativa, área expositiva e instalações sanitárias, em que a estrutura do edifício respeita as normas acima referidas e a materialidade aproxima o edifício ao lugar. Um segundo edifício onde se concentram as várias fases do processo de tratamento e transformação de cacau, contemplando também zonas para funcionários como a copa, vestiários e instalações sanitárias.

O espaço pretende ser mais amplo, estruturalmente mais leve e simples de forma a ligar a paisagem envolvente, a plantação de cacau e o edifício, como sendo uma sequência de um processo integrado na área densamente arborizada, já a materialidade do edifício segue também a linha de proximidade coma envolvente fazendo uso da madeira como elemento principal. Os espaços verdes criados como meio de transição entre edifícios pretende envolver a fábrica na paisagem, usando estruturas em madeira para demarcar espacialmente estas zonas.

Fig.40 e 41| Planta
programática da fábrica de
chocolate, estrutura e alçado
da unidade



3.3.4 | Fábrica de chocolate; papel no desenvolvimento, expansão e divulgação da roça

A fábrica de chocolate pela sua dimensão de pequena escala, entrando em concordância com aquela que é a escala da roça Sundry, pretende trazer a este local um foco dinamizador com aumento de postos de trabalho, aumento de área agrícola com especial foco na produção de cacau e melhorar o poder de compra local assim como por consequência, melhorar as condições de vida da população residente na roça e lugares circundantes.

Com a colocação de uma unidade fabril de pequena escala na roça, surgirá a necessidade de melhorar as condições de formação da população, atribuindo a esta competências e especializações em áreas com relação direta a este tipo de indústria. Também por consequência do surgimento de postos de trabalho tanto na fábrica como na zona de plantação anexa a esta, haverá necessidade de criação de espaços ocupacionais e educativos para as crianças que fazem parte dos agregados familiares a laborar neste setor. Também a necessidade de maquinaria mais evoluída e inovadora deverão chegar à roça como forma de tornar mais eficiente e rentável todo o processo associado à transformação do cacau. Esta necessidade de ir desenvolvendo um conjunto de serviços e de edifícios que complementem esta unidade fabril, levará a uma atratividade à roça por parte da população em redor da roça que tenderá a aproximar-se das possibilidades que aqui estiverem a ser criadas, a expansão da roça torna-se então um ponto a considerar.

Como fator essencial na promoção de desenvolvimento e evolução da roça , a fábrica de chocolate pretende manter a história da roça presente através do tratamento do produto chave o cacau e aliar a história a um presente mais inovador e tecnologicamente mais avançado , tornando esta unidade passível de se tornar competitiva com outras com a mesma dimensão de outros pontos do globo, abrindo então novamente espaço para que a roça Sundry e São Tomé e Príncipe voltem a ganhar fôlego como potência exportadora de cacau e produtos dele derivados. O foco de mercado será na sua base a exportação de cacau (50%) e o chocolate (20%), sendo que também a pasta de cacau (10%) e a manteiga de cacau (20%) serão produtos de exportação, embora na sua maioria irão ser parte do processo de produção de chocolate.

IV | Considerações Finais

São Tomé e Príncipe tem uma história, um passado que não deve ser esquecido, contudo até aqui é um país que tem vindo a fazer uso desse passado para manter uma inércia que apenas promove inércia. Com a introdução de investidores externos no campo do turismo está a oferecer uma hipótese de mudança de paradigma social e económico relevante, que pode vir a oferecer melhorias consideráveis no quotidiano da população.

Contudo, as características que ambas as ilhas possuem podem potenciar investimentos de outras ordens, algo que se mostra necessário, pois o volume económico assente somente sobre um setor, no caso o turismo, em situação de falha ou debilitação deste setor, ocorre um retrocesso sem precedentes num país onde o *“leve leve”* é a base de todos os movimentos aqui praticados.

Desta forma, este projeto pretende responder a esta necessidade de criar meios de tornar a economia sustentável, assente sobre uma ilha de dimensão física mais reduzida, contudo com uma riqueza enorme ao nível de recursos e biodiversidade. É no Príncipe, numa roça com questões científicas particulares e com interesse de desenvolvimento por parte de entidades internacionais, como é a roça Sundry, que se vê como possível, trazer uma reinterpretação da estrutura agrária como motor de desenvolvimento local e dinamizador de uma pequena economia como meio experimental passível de introdução noutros contextos semelhantes.

Ao longo de todo o processo, destaca-se a visita à roça sundy em Abril de 2019 que permitiu observar quais seriam as fragilidades evidentes da população local, por forma a entender a ordem prioritária de intervenção naquele que seria um plano para aplicar *in loco*. Também foi importante perceber como é o quotidiano dos residentes e quais são os planos para a roça e a sua população a curto médio prazo, na medida em que, foi possível compreender que não estaríamos a escrever uma folha em branco onde ninguém ainda tinha atuado, mas sim que haveria planos de dinamização para a roça e divulgação da mesma ao nível científico.

Com esta informação propôs-se uma reorganização funcional da roça, através de um plano urbano que pretende estabelecer, com base na regra e ortogonalidade, pontos de ligação funcional e de encontro social. O conteúdo programático proposto visa dar respostas às necessidades de empregabilidade da população local e melhoria das condições de vida da mesma através da melhoria de cuidados de saúde e de educação e introdução de ferramentas para a construção de profissionais qualificados. Também aqui se pretende aproximar a envolvente arbórea da população através dos espaços verdes criados em que a vegetação autóctone tem um papel destacado e que promove o conhecimento sobre a biodiversidade local. Com a criação destes espaços verdes as zonas de sombreamento são aumentadas, levando ao seu usufruto mais frequente por parte de quem habita e de quem visita, promovendo assim a interação social, algo que é potenciado pela criação de estruturas comunitárias que preservam os hábitos locais e respeitando o modo de habitar de cada indivíduo.

A proposta ao nível da habitação pretende primeiramente, através da reabilitação das sanzalas respeitar o modo de habitar local e ainda da história da roça e da própria estrutura agrária, enquanto sistema complexo e funcional. O desenvolvimento de novas habitações numa das alas da avenida da roça Sundy, considera a possível expansão da roça derivado a fatores de atratividade económica e ainda por consequência, da melhoria das condições de vida promover a possibilidade deslocação de habitantes residentes nas sanzalas, que por verem as suas vidas reorganizadas lhes permite adquirirem uma habitação mais espaçosa.

O desenvolvimento de um equipamento industrial na roça visa responder a uma necessidade de criar emprego local, pretende trazer a história de um passado de sucesso de exploração e exportação de produtos como o cacau, para um presente com novas tecnologias e técnicas que possibilitam a dinamização da exploração deste produto e ainda o seu tratamento industrial, levando à exportação de diversos produtos que advêm dos procedimentos faseados de um só fruto.

A reinterpretação do edificado pré-existente, seja através da sua reabilitação com posterior atribuição de novos programas, seja por manutenção da estrutura como marco histórico pretende garantir a preservação da identidade da roça, da memória pelo seu passado e da biodiversidade característica da ilha e património de um país. Já o novo edificado pretende respeitar a envolvente vegetal através da sua materialidade e estrutura, fazendo uso da madeira como material principal e de alvenaria como material secundário. A sua altimetria respeita os edifícios pré-existentes não impondo, deste modo, o edifício na paisagem, mas sim considerando-o parte da mesma. Esta proposta propõe que a arquitetura do homem deve ser integrada na arquitetura vegetal havendo uma ligação entre ambas de proximidade e respeito.

V | Bibliografia

ANDRADE, Rodrigo | (2008). As Roças de São Tomé e Príncipe. O passado e o futuro de uma arquitetura de poder. Prova Final para Licenciatura. Porto:FAUP.

CARAPINHA, Aurora e TREIB, Marc | (2007). Fundação Calouste Gulbenkian: o Jardim. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

CARVALHO, Ana Cristina | (2013). Museus – casas no Brasil. São Paulo: Curadoria do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

CHOAY, Françoise | (2001). A Alegoria do Património. Estação Liberdade

GUEDES, Manuel | (2017). Gulbenkian. Arquitetura e Paisagem. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

GUEDES, Manuel | (2015).Arquitetura Sustentável em São Tomé e Príncipe. Lisboa: IST- Instituto Superior Técnico

HOWARD, Ebenezer | (2013). Garden Cities of To-Morrow. Routledge Library Editions – The City

MFCE/ DGTH, Ministério das Finanças, Comércio e da Economia Azul/ Direção Geral do Turismo e da Hotelaria |(2008). Estratégia Turística para São Tomé e Príncipe. Governo de São Tomé e Príncipe.

MORAIS, João e MALHEIRO, Joana | (2017). Arquiteturas Lusófonas: Imaginar África. Casal de Cambra: Caleidoscópio

MORAIS, João e MALHEIRO, Joana | (2013). São Tomé e Príncipe- Património Arquitetónico. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

ROMANA, Heitor | (1996). São Tomé e Príncipe - Elementos para uma análise antropológica das suas vulnerabilidades e potencialidades. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

SAMPAIO, Maria da Luz | (2017). Da Fábrica ao Museu: Identificação, Patrimonialização e Difusão da Cultura Técnico-Industrial. Casal de Cambra: Jorge Ferreira, Caleidoscópio.

SANTA-RITA, António | (2012). A arquitetura da era colonial de S. Tomé e Príncipe. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Outras fontes:

<http://www.ine.st/> - Instituto Nacional de Estatística de São Tomé

<http://www.africa-turismo.com>

<https://www.dw.com/pt-002/ilha-do-pr%C3%ADncipe-%C3%A9-reserva-da-biosfera-mundial/a-16094358>

<http://ensina.rtp.pt/artigo/sao-tome-e-principe-apos-a-independencia/30/09/2019>

https://www.claudiorcorallo.com/index.php?option=com_content&view=article&id=116&Itemid=1058&lang=pt

Anexo I – geografia humana

Fig.42 |Análise de evolução demográfica

	SEXO		
ANO	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
2001	68236	69363	137599
2012	88867	89872	178739

Fig.43 |Análise da evolução da natalidade e mortalidade segundo dados numéricos

	NATALIDADE			MORTALIDADE		
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
2001	2355	2499	4854	626	519	1145
2012	2518	2580	5098	450	464	914

Fig.44 | tabela da condição perante actividade económica

Tabela 8:
Repartição da população residente de 10 anos ou mais, segundo distrito e localidade, por condição perante actividade económica

Distrito e localidade	Total		Empregado		Desempregado		Inativo	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Ponta do Sol	54	44	31	14	1	0	22	30
Ponta Forte	9	20	5	2	0	0	4	18
Portinho	2	1	2	0	0	0	0	1
Porto Real	109	96	68	27	0	0	41	69
Praia Compainha	13	12	12	6	0	1	1	5
Praia da Lapa	19	11	18	5	0	0	1	6
Praia das Burras	67	62	51	27	0	0	16	35
P. Sto António	12	9	9	3	0	0	3	6
Praia Inhame	42	39	31	12	1	4	10	23
Praia Margarida	1	0	1	0	0	0	0	0
Praia Seca	9	2	7	1	0	0	2	1
Quintal S ^{to} António	24	23	15	9	2	0	7	14
Rua Feliz	146	133	83	52	5	15	58	66
Santa Rita	74	76	46	19	9	22	19	35
Santo António II	3	6	1	2	2	2	0	2
Santo Cristo	87	77	64	34	1	0	22	43
São João	19	15	17	12	0	0	2	3
São Joaquim	35	30	28	11	0	0	7	19
São Mateus	7	5	5	4	0	0	2	1
Sundy	150	137	86	59	6	3	58	75
Tohada	20	13	10	5	1	0	9	8
Terreiro Velho	53	48	34	9	2	1	17	38
Trabalhadores	72	75	51	28	5	16	16	31
Uba Caju	39	35	25	30	0	0	14	5

Anexo II – As maquetes 1:1000; 1:200; 1:50

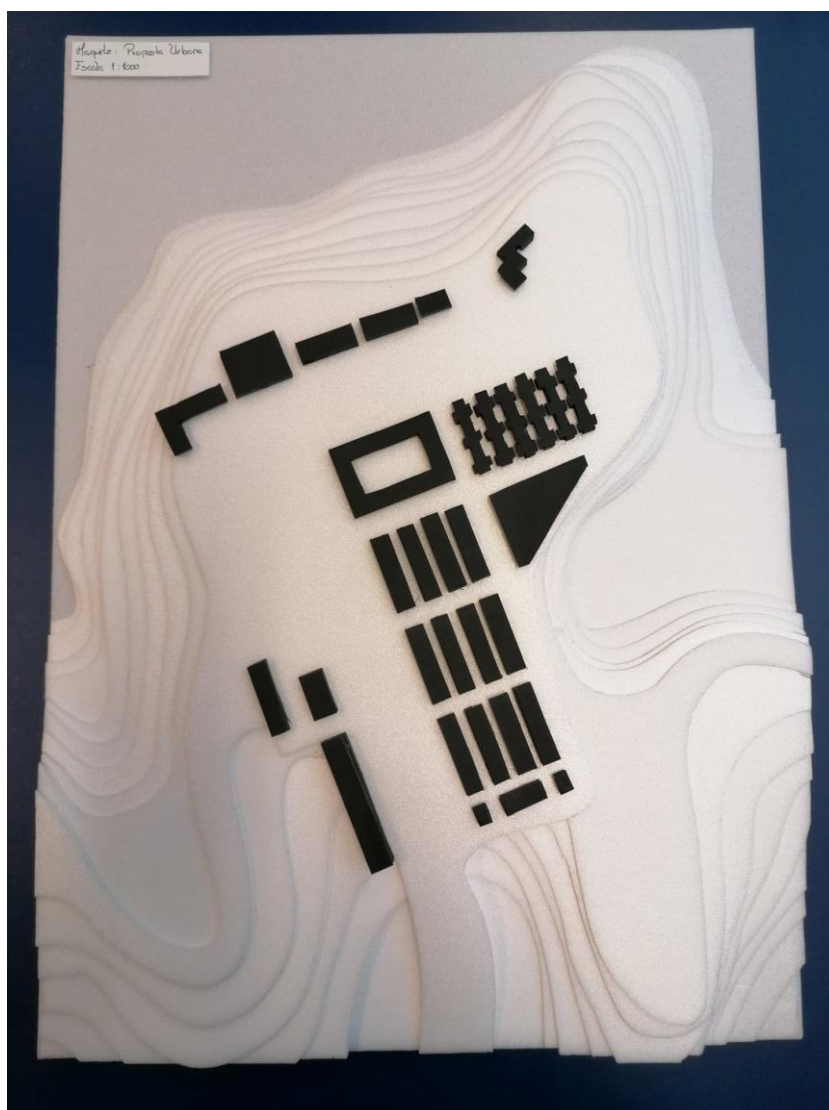
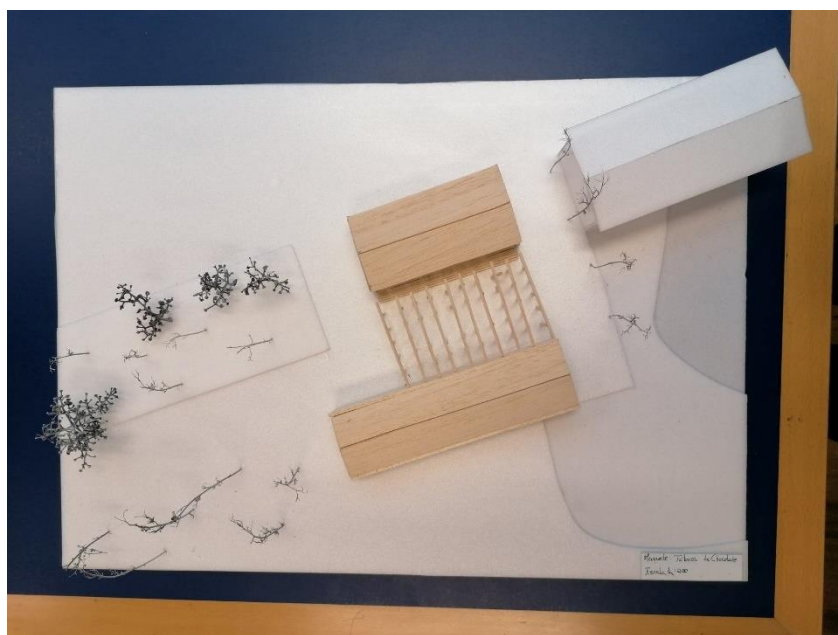


Fig.45 | maquete da proposta para a roça sundy | escala 1.1000

Fig.46 | maquete da proposta de equipamento, Fábrica de Chocolate | escala 1.200



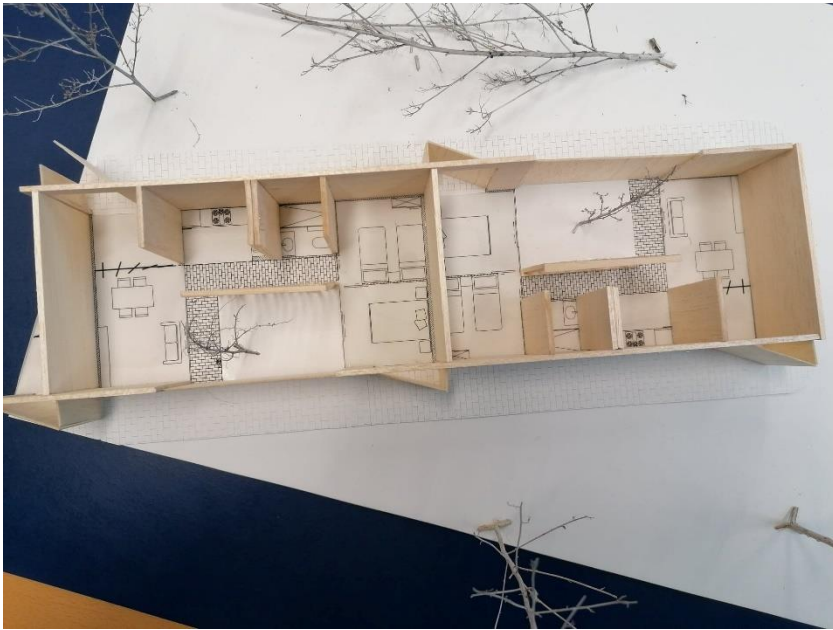


Fig.47 | maquete da proposta de habitação nova | escala 1.50



Fig.48 | maquete da proposta de habitação nova | escala 1.50

Anexo III – painéis de apresentação: o lugar, a proposta urbana, a habitação e a fábrica de chocolate